



LUÍS BUGRE

O INDÍGENA DIANTE DOS IMIGRANTES ALEMÃES

Fidelis Dalcin Barbosa

LUÍS BUGRE

A presente narrativa, apesar de romanceada, gira em torno de fatos reais, rigorosamente históricos. Daí a sua importância para estudo dos indígenas coroados, hoje mais conhecidos pelo nome de caingangues, os quais habitavam as matas da bacia do rio das Antas e do Caí, por ocasião da chegada dos primeiros imigrantes alemães e italianos ao Rio Grande do Sul.

O autor colheu todos os dados aqui reunidos em pesquisas pessoais junto dos filhos de Jacó Versteg, o personagem central desta história; do pai do próprio autor do livro, o qual escutou muitas vezes da boca de Jacó a narração desta aventura; dos escritos do Tenente-Coronel Afonso Mabilde, que viveu longos anos trabalhando entre os indígenas desta tribo; do livro da professora ítala Irene Basile Becker "O índio Kaingang no Rio Grande do Sul", o mais completo estudo sobre estes indígenas, publicação do Instituto Anchieta de Pesquisas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, de São Leopoldo; e, especialmente, do alentado volume "As Vítimas do Bugre", de autoria do Mons. Matias José Ganweidt, traduzido do alemão pelo Ir. Eugênio Damião.

Na introdução desta obra figura o depoimento assinado pelo próprio Jacó, no qual declara serem todos verdadeiros os fatos narrados acerca da sua vida errante entre os índios.

Na presente narrativa, o autor teve o cuidado de excluir certas informações acerca de usos e costumes, erroneamente atribuídos por Ganweidt aos indígenas da tribo dos caingangues.

LUÍS BUGRE é uma narrativa empolgante, em linguagem acessível mesmo às crianças. É um depoimento fidedigno acerca das dificuldades que os imigrantes alemães enfrentaram diante dos assaltos dos indígenas que habitavam as montanhosas florestas, na região hoje ocupada pelos imigrantes italianos, notadamente Caxias do Sul.

É um interessante tratado de flora e fauna, diante das quais se extasiavam os imigrantes, ao tomarem posse de suas terras, oferecidas pelo Governo brasileiro.

Fidélis Dalcin Barbosa

Luís Bugre

O indígena diante dos imigrantes alemães

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, História, 2ªEd. -Canoas: Ed La Salle, 1991. 75p.; 23cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3.0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para CreativeCommons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 03/07/2013

Capa e ilustrações de: Cátia de Andrade Moojen

B238l Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-

Luís Bugre [recurso eletrônico] : o indígena diante dos imigrantes alemães / Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).
ISBN978-85-8326-013-4

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Imigração alemã – Rio Grande do Sul. 2. Índios Kaingang. 3. Conflitos sociais. I. Título.

CDU: 325.14(816.5)(430)

Sumário

O RIO GRANDE DO SUL.....	7
TERRA DE NINGUÉM.....	8
PRIMITIVOS HABITANTES	10
IMIGRANTES	11
SÃO VENDELINO	12
A FAMÍLIA VERSTEG.....	13
OS ÍNDIOS CAINGANGUES.....	15
LUÍS BUGRE.....	16
AUXILIAR DOS IMIGRANTES ITALIANOS	18
VINGATIVO E TRAIADOR.....	19
O ASSALTO DOS BUGRES.....	21
A VOLTA DE LAMBERTO	25
EXPEDIÇÃO DE RESGATE	27
PAUSA PARA ALMOÇO	30
UM GRANDE SUSTO	33
O REGRESSO DA EXPEDIÇÃO	37
A FUGA DOS BUGRES.....	40
O PREÇO DA LIBERDADE.....	44
CAMPO DOS BUGRES	49

FESTA NA TABA.....	55
O ÊXODO.....	59
A SEGUNDA EXPEDIÇÃO	61
ERRANDO PELA SELVA	69
GRANDES EMOÇÕES DE JACÓ	74
O TIGRE.....	80
RETORNO A TABA	84
A GUERRA	89
O MARTÍRIO.....	94
LUCILA DESAPARECE.....	101
A FUGA.....	107
COM O PAI	114
ROTEIRO PARA ATIVIDADES ESCOLARES	119

O RIO GRANDE DO SUL

O Estado do Rio Grande do Sul, no extremo meridional do Brasil, possui uma superfície de 282.184 quilômetros quadrados. Mais de três vezes o tamanho de Portugal, incluindo Açores e Madeira.

Três partes desse território formam a chamada região da campanha. São imensas campinas de ricas pastagens nativas. A região da fronteira com o Uruguai e Argentina, assim como grande parte da zona litorânea, constituem o pampa. Planícies de campos, a perder de vista, sem vultos arbóreos, semelham imenso oceano verde, ondulando levemente em pequenas coxilhas. Nos campos de Cima da Serra, como nos do Planalto, entretanto, capões e restingas de mato, quebram a monotonia do pampa, realçando a beleza da paisagem.

Uma infinidade de encantos naturais fazem do Rio Grande do Sul um dos Estados mais atraentes em termos de turismo. Além das Ruínas das Missões e das nevadas da região da serra, existem no litoral cerca de uma centena de lagoas, a maior das quais, a Lagoa dos Patos, mede 279 quilômetros de comprimento por 57 de largura. É um oceano dentro do Brasil.

Os Aparados, na Serra Geral, oferecem uma série de surpresas, com cascatas de cerca de mil metros de queda, e o Taimbezinho, curioso canhão aberto no meio do campo, atração turística sem igual no mundo inteiro.

TERRA DE NINGUÉM

Por ocasião da descoberta do Brasil, o atual território do Rio Grande do Sul ficava ao oeste do meridiano de Tordesilhas, pertencendo, portanto, à coroa da Espanha. Mas os espanhóis não povoaram o território. Apenas os missionários jesuítas fundaram as Reduções e os Sete Povos das Missões, na atual região missioneira. Descoberto o Brasil, o território permaneceu uns duzentos anos como terra de ninguém.

Os portugueses, que fundaram Montevidéu e a Colônia do Sacramento, não se preocuparam em explorar a terra. Seus navios, por falta de ancoradouros, passavam de largo. Só em 1737, o brigadeiro José Silvo Pais, penetrando com 200 homens na barra do Rio Grande, fundava o forte de Jesus-Maria-José, para defesa contra os castelhanos, Foi o berço do Rio Grande do Sul.

Daí por diante, sacramentinos, lagunenses, açorianos, bandeirantes, cariocas, mineiros e outros, principiaram a desfrutar a riqueza dos imensos rebanhos, que pastavam sem dono por toda a região da campanha. O gado tinha sido introduzido pelos jesuítas que atendiam as Reduções.

Ainda após o surgimento das primeiras gerações de gaúchos, muitas famílias de São Paulo, do centro e do norte do Brasil, continuaram emigrando para o Rio Grande do Sul. Os cargos públicos eram a princípio atendidos quase exclusivamente por baianos. Dava-se o nome de baianos não só aos filhos da Bahia, mas a todos quantos vinham de outras Províncias ou Estados. Dizia-se baiano de Pernambuco, baiano do Rio Grande do Norte, baiano do Ceará.

Entretanto, os espanhóis trataram sempre de expulsar portugueses e brasileiros dessa vasta região, que eles

consideravam sua. Houve então uma série de guerras que se prolongaram por mais de cem anos. É toda uma história de heroísmo e bravura, escrita a sangue pelo povo gaúcho, que depois ainda teve de lutar na Guerra do Paraguai e na Revolução Farroupilha. Dessas lutas nasceu o caráter altivo e belicoso do gaúcho, sentinela avançada em defesa da Pátria.

PRIMITIVOS HABITANTES

Por ocasião da descoberta do Brasil, habitavam o atual território do Rio Grande do Sul cerca de meio milhão de índios, dos três grandes grupos: tupi, guarani e pampeano. Muitos desses índios foram aldeados e catequizados pelos jesuítas espanhóis, em suas Reduções, formando a maior civilização indígena do Brasil.

Expulsos os jesuítas e destruídas as Reduções e os Sete Povos, os índios voltaram ao estado primitivo. Muitos tornaram-se amigos dos colonizadores, passando a conviver e casar com eles. Os botocudos e coroados, inimigos dos índios catequizados, ofereciam resistência aos povoadores. Os tropeiros que se aventuravam a cruzar os campos e as florestas, não raro sofriam assaltos e morte, fazendo com que numerosas famílias abandonassem suas primitivas habitações.

Ainda hoje, em vários municípios do nordeste do Estado, podem-se observar enormes covas afuniladas, com que os índios coroados costumavam surpreender os brancos em sua passagem. Abriram enormes foges por onde passavam os tropeiros, cobriam a boca com ramos, folhas e terra, formando armadilha. Quando os brancos pisavam inadvertidos sobre as folhas e caíam nas covas, os índios os matavam a flechadas.



IMIGRANTES

Os colonizadores de origem portuguesa ocuparam a região do litoral e toda a campanha, deixando inexplorada e despovoada a região da serra, por estar inteiramente coberta de mata, não lhes servindo para as lides da pecuária.

A fim de explorar a imensa riqueza da serra, o Governo Imperial e o Governo Provincial resolveram contratar imigrantes especializados em agricultura. Começaram então a chegar milhares de levas de colonos alemães, italianos, poloneses e de outras nacionalidades.

Os alemães, a partir de 1824, ocuparam a região banhada pelos rios do Sinos, Caí e Taquari, onde, desenvolvendo a agricultura, fundaram as cidades de São Leopoldo, Novo Hamburgo e dezenas de outras. Os italianos, a partir de 1875, desbravaram a montanhosa região do rio das Antas, fundando Caxias do Sul, Bento Gonçalves e muitas outras cidades.



SÃO VENDELINO

São Vendelino mancipou-se em 1989, desmembrando-se de São Sebastião do Caí, distante cem quilômetros de Porto Alegre e 30 de Caxias do Sul, hoje importante entroncamento rodoviário, nas proximidades das cidades de Farroupilha e Carlos Barbosa, situa-se no vale do Forromeco, afluente do Caí. Vem rodeado por altas montanhas, entre as quais se destacam o Morro do Diabo e Morro da Canastra, de 600 metros de altitude, de cujo cimo se descortina vasto panorama, podendo-se mesmo, em dias de boa visibilidade avistar a Capital do Estado e a faixa azul do oceano.

A região do Forromeco principiou a ser povoada por imigrantes alemães a partir de 1858. A colônia, com sede em São Vendelino, recebeu o nome de Nossa Senhora da Soledade. Em 18 de janeiro de 1877, esta colônia foi elevada à categoria de Distrito do Império.



A FAMÍLIA VERSTEG

Entre os numerosos imigrantes que colonizaram a região do Forromeco, destaca-se LambertoVersteg. Alemão nascido em Colenda, era de família nobre; mas um dia perdeu a fortuna e a posição social, e saiu da Alemanha em busca de trabalho.

Viajando pela Holanda, caiu doente num hospital, sendo assistido por ValfridaBloon, uma linda enfermeira de cabelos louros e olhos azuis. Lamberto simpatizou com aquela garota, que tão carinhosamente cuidava de sua saúde. Seu amor foi prontamente correspondido. Casaram. Casaram, certamente, na esperança de serem felizes. Coitado! Mal sabiam eles a desgraça que os aguardava.

No dia 26 de fevereiro de 1855, ainda na Holanda, nascia, Jacó Lamberto. Dois anos depois, vinha ao mundo Lucila. Um casal de lindas crianças, bem lourinhas como seus pais.

Atraído pela propaganda sedutora dos agentes colonizadores, Lamberto emigrou para o Brasil, em 1858, indo para São Leopoldo e daí para São Vendelino.

Atravessando a planície rio-grandense e penetrando em seguida na floresta, a família, com indizível deleite, vai conhecendo as maravilhas da nova terra, com todo o seu misterioso complexo de flora e fauna. Quase todas as plantas, animais e aves são-lhes desconhecidos.

Lamberto é amante das montanhas. Vai, por isso, escolher seu lote colonial entre os morros do Diabo e da Canastra, de onde se descortina o belo panorama do vale do Forromeco.

No alto da montanha, no coração da mata virgem, constroem uma casinha, cultivam uma lavoura. Depois compram

uma vaca de leite, umas galinhas e dois porquinhos. A seguir, um cavalo por três mil-réis. Um papagaio falador e um veado doméstico alegram as duas crianças, no meio daquele sertão montanhoso.

Em poucos anos, a lavoura e a criação prosperaram e a família vivia feliz. Jacó era um belo rapaz de 13 anos, e Lucila uma linda garotinha de 11 anos. Foi quando sobreveio a tragédia.



OS ÍNDIOS CAINGANGUES

Em meados do século XIX, toda a montanhosa região, hoje ocupada pelos municípios de Caxias do Sul, Farroupilha, Bento Gonçalves, Flores da Cunha e outros, jazia coberta de mata virgem.

Não havia gente branca em todas aquelas matas das encostas dos rios das Antas e Caí. Eram apenas habitadas por indígenas conhecidos pelo nome de Coroados, assim chamados pelo costume que tinham de cortar o cabelo em forma de coroa.

Eram índios descendentes dos antigos Guaianás. Em 1882 estes indígenas, popularmente conhecidos por Bugres, começaram a ser denominados Caingangues (kaingang), por iniciativa de Telémaco Morocines Borba. Destes índios existem ainda hoje na região do Alto Uruguai, agrupados em aldeamentos, sob os cuidados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Os imigrantes, penetrando na mata, vão ocupando as terras que os índios consideravam de sua exclusiva propriedade. Por isso, não toleram eles a desenfreada e sistemática devastação de seus domínios, a derrubada das matas, onde conseguem o sustento, nos animais, aves e frutas. Tratam então de dar combate aos colonizadores. Combate impiedoso, sem tréguas.

Não foram poucas as famílias imigrantes que sofreram a terrível perseguição dos caingangues. Algumas foram massacradas. Outras viram-se obrigadas a abandonar as terras que acabavam de ocupar.



LUÍS BUGRE

Os colonos do vale do Forromeco, diante dos ataques dos índios, apelaram para o governo da Província, que destacou 30 soldados para São Vendelino. Além disso, foi posto ali um canhão, a fim de afastar os bugres com o troar de seus disparos.

No ano de 1847, na picada Feliz, hoje município limítrofe de São Vendelino, os indígenas causavam tanto dano nas lavouras dos colonos, que um destes, Jacó Bohn, resolveu preparar uma surpresa aos ladrões de milho e mandioca.

Ao redor de sua roça, espichou uma corda comprida, a dois palmos do solo. Prendeu uma latinha vazia numa extremidade, e colocou sobre um caixote, ao pé da cama.

Numa linda noite de luar, os bugres invadem o milharal, tropeçam na corda e derrubam a lata, despertando o agricultor.

Num instante, meia dúzia de homens cerca a lavoura, cautelosamente. De repente, gritos e tiros de espingarda misturam-se com o furioso latir da cachorrada.

Os índios, tornados de pânico, despencam morro abaixo, caindo no rio Caí. Um bugrinho, de onze anos de idade, ferido num joelho e com um pé destroncado, não consegue galgar a barranca oposta do rio, e cai prisioneiro dos brancos.

Os colonos levam para casa o bugrinho. Tratam-lhe as feridas. Cuidam dele. É um garoto sadio, forte, rosto bronzeado, com manchas escuras.

Mas não há nenhum colono animado em assumir a responsabilidade de criar o rapazinho indígena. Todos estão com

receio. Quem sabe, os índios poderão um dia promover uma terrível represália, de consequências imprevisíveis.

Iam soltá-lo no mato, quando Matias Rodrigues da Fonseca, um morador da colônia, de origem portuguesa, resolve tomar conta do rapaz. Recebe-o em sua casa como empregadinho.

Ele então instruído na religião católica, e, em seguida, em 1849, é batizado pelo Pe. João Siedlak, na igreja de São José do Hortêncio, recebendo o nome cristão de Luís Antônio.

Cresce rapidamente, botando corpo de mediana estatura. Aprende sofrivelmente a alemão, a língua dos colonos.

Mas, livre filho da floresta, não se submete à obediência do patrão. Não gosta de trabalhar. Prefere correr mato, a caçar, munido de espingarda de dois canos e auxiliado por doze cachorros. Traz peles de animais, que vende aos colonos. Compra-as dos bugres em troca de cachaça e objetos de uso doméstico.



AUXILIAR DOS IMIGRANTES ITALIANOS

Um dia, já moço feito, com seus 20 anos, desaparece da casa do patrão. Desaparece para nunca mais retornar à casa de Matias Rodrigues da Fonseca.

Decorridos uns meses, reaparece, acompanhado de uma jovem indígena de sua raça, com a qual passa a viver, num casebre, erguido à meia encosta do Morro da Canastra.

Vive por lá, isolado dos brancos. Mas não deixa de aparecer de vez em quando entre os colonos, a fim de realizar algum negócio, prestar serviço, ganhando um dinheirinho.

Ele conhece perfeitamente todos os segredos da selva. Por isso, prontifica-se a orientar os agentes colonizadores na demarcação de lotes. Acompanha os caçadores.

Mais tarde, em 1875, quando os primeiros imigrantes italianos chegaram ao pé da serra, Luís apresentou-se para levá-los ao alto da montanha, onde, as três famílias pioneiras, Radaelli, Crippa e Speráfico, iniciaram a fundação do povoado de Nova Milano, berço da colonização italiana no Rio Grande do Sul.

Luís conduziu os imigrantes ao alto da serra, ajudou-os a construir uns casebres, ensinou-lhes a derrubar árvores, a caçar, assar pinhão e todos os mistérios da selva brasileira.



VINGATIVO E TRAIADOR

Era serviçal Luís, mas extremamente vingativo contra todos aqueles que o chamassem de Luís Bugre, nome que ele detestava. Por isso, ele era temido. Crianças e mulheres tremiam ao ouvir o seu nome.

A maior de todas as vinganças Luís Bugre vai mover contra a família de LambertoVersteg, que mora lá no alto da montanha, longe dos outros colonos. Já faz nove anos que vivem por lá. Já existe certo conforto em sua casa. Fartas lavouras. Numerosa criação. Jacó é um belo rapaz e Lucila, uma linda garotinha, de onze anos.

Na casa comercial de Eisenbarth, Lamberto encontra um dia carta de seu velho amigo Valentim Weber, companheiro de viagem para o Brasil. A carta traz convite para a festa do padroeiro de São Sebastião do Caí, a realizar-se no dia 14 de janeiro de 1868.

- Não posso perder esta bela oportunidade, para rever o meu amigo - diz Lamberto.

- Você vai, Lamberto? - pergunta o dono do armazém. - Luís Bugre já voltou. Está por aí no galpão, dormindo no meio da sua cachorrada.

- Luís Bugre?! - estranha Lamberto. - Não quero nada com ele. Deixem-me ir embora antes que ele acorde.

Mas Luís já estava acordado e ouviu o seu nome da boca de Lamberto. Levanta-se. Olha e vê Lamberto montando a cavalo e partir correndo.

- Desgraçado! Homem soberbo! Tu vais me pagar.

Mas Lamberto não ouve as palavras de Luís. Vai para sua casa. Chega, mostra a carta do amigo e pergunta à mulher:

- Como é, Valfrida, posso ir?

- Pode. Por que não?

- Você não está com medo dos bugres? Luís Bugre anda por aí.

- Não, Lamberto. Não tenho medo. Nós nunca fizemos mal a Luís Bugre. E os índios nunca bateram aqui. Vai, Lamberto, e traga-me notícias da senhora Weber.

- Valfrida, eu estou com pouco de receio. Por isso, deixo-lhe a minha espingarda com os dois canos carregados. Os bugres, sabendo que você está armada, não virão aqui. A qualquer sinal de aproximação, dispare um tiro.



O ASSALTO DOS BUGRES

Na tarde ensolarada de sábado, dia 13 de janeiro, Lamberto monta em seu belo cavalo e parte rumo de São Sebastião do Caí. Em caminho, vai pensando: Decerto nada acontecerá em casa. É verdade que Luís Bugre anda por aí. Será que ele escutou a minha conversa lá na venda? Sabendo que eu iria viajar, deixando a família em casa, ele é capaz de se vingar.

A tais pensamentos, Lamberto se apavora, sofrena o cavalo e para. Quer desistir da viagem e voltar para casa. Mas reflete melhor: Não, não volto. Já que estou aqui... Pode ser mesmo que Luís Bugre estivesse dormindo e não tivesse ouvido o que eu disse.

Valfrida, embora fosse mulher de coragem, quase não dorme aquela noite. Pensamentos horríveis roubam-lhe o sono. Só consegue dormir após a meia-noite. Um sono mal dormido. Agitado por sinistros pesadelos. Sonha com feras, serpentes e índios.

Entretanto, o dia amanhece esplêndido, saudado pelo alegre cantar da passarada. Valfrida trata os animais. Tira leite da vaca. Mas, ao sair do curral, ouve o grito de alarma do quero-quero no potreiro. Plutão empina as orelhas, late e dispara pelo mato. Volta em seguida, perseguido por seis canzarrões. Logo depois surge um vulto com cara de bugre, calças arregaçadas, espingarda na mão e, preso à cinta, um macuco morto.

É Luís Bugre - pensa Valfrida, assustada.

- Bom dia! - diz o estranho, aproximando-se. - Não ter medo, mulher bom. Luís Antônio não fazer mal algum.

- Que deseja, Luís Antônio?

- Nada. Marido estar ausente. Bugres maus andar mato. Mulher botar pane branco telhado. Pano branco bugres ter medo. Pano branco.

Luís parece amável. Acaricia as crianças, dizendo: Bonitos meninos! Depois, olhando a criação: Bonitos porcos! Bonitos vacas! Bonitos galinhas! Tudo bonito!

Depois ele solta um grito fortíssimo, que assusta Valfrida e o casal de filhos. Ao grito, saem do mato mais seis cachorros. E, acompanhado pela matilha de doze cães, retira-se, embrenhando-se na selva.

O pano branco era apenas o sinal combinado entre Luís e os bugres. A casa que tiver o pano branco, será a de Lambert. A casa que deve ser assaltada, porque o seu chefe não se encontra ali.

Mas Valfrida não desconfia de nenhuma traição. Acredita piamente nas palavras de Luís. Vai, corta uma taquara. Prende a uma extremidade um pano branco e hasteia-o na cumeeira da casa, como se fosse o mensageiro da paz.

Em seguida, toma café com os filhos, dizendo:

- Depois do café, vamos à casa do João Boesing. Ficaremos lá até a volta do papai.

- Que bom, mãe! Eu vou levar o papagaio, - diz Jacó.

- E eu a Lenga - acrescenta Lucila, referindo-se ao veado doméstico.

Passados uns dez minutos, enquanto se preparam para sair, a bicharada entra em alarmante alvoroço. Os quero-queros gritam assanhados. O cão late furioso. As galinhas cacarejam alarmadas.

Valfrida inquieta-se. O alarma dos bichos não engana. Algo de grave deve estar por acontecer... De repente, o cachorro rompe

em ganidos lancinantes, como se fosse atingido por violenta pedrada.

Não foi apenas pedrada. O pobre animal acabava de ser varado por uma seta, mortalmente.

Daí a pouco, outra seta sibila, penetrando pela janela e indo cravar-se na parede interna da sala.

A mãe e os filhos agacham-se e vão esconder-se no quarto de dormir. Valfrida empunha a espingarda, enfia o cano pela janela e dispara um tiro forte, que reboa pelas encostas.

Imediatamente, retorna a calma lá fora. Os galos tornam a cantar, espalhando alegria por aquele sertão. Entretanto, dura pouco a alegria. Súbito, outra seta, penetrando pela janela, vai estilhaçar um quadro na parede da sala.

Valfrida, de arma em punho, treme. Os filhos tremem ainda mais, numa expectativa angustiante. Espiando pela janela, a mãe vê umas caras selvagens, entre o arvoredor.

De repente, um bando de índios armados irrompe aos gritos do seio da mata e investe com furor contra a casa. Arrombam a porta. Entram. Cercam a mulher. Tiram-lhe a espingarda da mão. Batem com ela na mesa para quebrá-la, e o tiro detona. Os bugres se assustam com o disparo e vão esconder-se em outra peça da casa. Valfrida deseja fugir correndo. Mas desiste, com receio de ser flechada pelas costas, na fuga.

Daí a pouco, os índios, refeitos do susto, começam a derrubar pratos, copos, panelas, armários, mesas, cadeiras...

Lá fora, outros bugres vão matando porcos, vacas, cavalo, galinhas. Poupam apenas a Mabita, a vaca de leite.

Em seguida, os selvagens descobrem os filhos debaixo da cama. Avançam para eles, que gritam socorro para a mãe. Ela, que

treme num canto, tenta defender os filhos, mas recebe violentíssimo soco, caindo desmaiada.

Quando recupera os sentidos, mãe e filhos estão de mãos e pés amarrados.

Os índios, esvaziando gavetas e caixas, descobrem uma corrente de ouro, que o cacique dependura ao pescoço, desajeitadamente.

Valfrida consegue finalmente desatar a língua:

- Luís Bugre vai matar vocês todos.

Depois, apontando para o pano branco, diz:

- Luís Bugre! Luís Bugre!

Os índios resmungam em sua língua desconhecida. Eles dizem: Luís Bugre é nosso amigo. A bandeira branca é para nós sinal de ataque. É o sinal combinado.

E, sem perder tempo, os bugres transportam para fora os três prisioneiros, os quais assistem agora a desenfreada matança do resto dos animais e, por fim, ao incêndio da casa.

Labaredas rubras e negras, com satânico furor, devoram em poucos instantes toda a casa e suas dependências.

Imaginem com que dor Valfrida e seus filhos contemplam a total destruição de sua querida moradia... Dentro de poucos minutos, só resta um montão de cinzas fumegantes. A querida casinha, seus lindos animais, fruto de nove anos de duro trabalho; nove anos de exílio, de solidão. Tudo, tudo acaba num momento naquele montão de cinzas fumegantes!...

E agora, meus filhos?! Que será de nós?! Que será de nós, Jacó? Que será de nós, Lucila?! Deus tenha piedade de nós!

A VOLTA DE LAMBERTO

Enquanto os bugres fogem para o interior da floresta, levando Valfrida e seus filhos, Lambertto festeja o Padroeiro de São Sebastião do Caí, junto com a família do amigo Valentim Weber.

Embora Lambertto seja evangélico, ele assiste a missa com o amigo que é católico. Já naquele tempo remoto, na colônia alemã do Rio Grande do Sul, praticava-se o mais fraterno ecumenismo. Católicos e protestantes viviam unidos, frequentando mutuamente suas festas religiosas, numa admirável confraternização.

Todos estão alegres na festa, mas Lambertto está acabrunhado, triste. Seu pensamento voa longe, para a sua casa. Vago pressentimento lhe diz que uma desgraça aconteceu à sua família.

Por isso interrompe os festejos logo após o almoço. Despede-se dos amigos e, o cavalo, em pouco tempo, leva-o a Bom Princípio e, em três horas, a São Vendelino. Sempre sob um sol abrasador, cavalga ao longo do Forromeco e, por fim, vai subindo lentamente a encosta da montanha.

Alegra-se ao pensar que vai dar uma surpresa a família, chegando cedo. Mas a surpresa é para ele. A mais espantosa surpresa!

Desde o milharal podia-se avistar a casa. Mas agora parece que levaram a casa de Lambertto. O lugar está deserto. Como? – pergunta-se ele. - Estarei sonhando?

Mais uns passos, e tudo se esclarece. Um montão de cinzas fumegantes! O pobre homem sente um baque e perde os sentidos. Recupera-se daí a pouco. E então contempla com nitidez a incrível tragédia. A terrível desgraça que ele pressentira.

Em meio àquela imensa desolação, diante daquele quadro dantesco, entre restos de galinhas, de vacas e de porcos, aparecem pelo chão estranhas pegadas humanas. Não resta mais dúvida. Os bugres. Luís Bugre ficou sabendo da minha viagem. Decerto ouviu que o chamei de Luís Bugre... Aqui está a sua terrível vingança!

Mas a Valfrida? Onde estará a minha esposa? E os filhos? Lamberto procura pela mata. Chama em fortíssimos brados: Valfrida! Jacó! Lucila! Apenas o eco das montanhas responde. Somente o eco. Eco longínquo que se mistura ao arrulho triste da pomba.

Lamberto penetra mais na floresta, procurando, chamando. De repente, um ruído e uma esperança. É Lenga, o veadinho das crianças. Saltitando, vem lambe-lhe as mãos, com um lamentoso balido.

O pobre homem tem ainda outra esperança: Os vizinhos. Vai correndo a casa de João Boesing. Nada. Nem sinal de Valfrida e dos filhos.

Parte imediatamente para a casa do outro vizinho, a família Froem. Esta igualmente nada sabe.

EXPEDIÇÃO DE RESGATE

Lamberto e João dispararam morro abaixo. Chegam a São Vendelino já de noite. Batem à porta da casa de Leonardo Fritzen, o sacristão.

- Socorro, Leonardo! Um assalto dos bugres! Vamos repicar o sino.

- O sino? Não será melhor disparar o canhão?

- Não, Leonardo. O canhão afugenta os bugres. E aí não poderemos re

- Mas onde foi o assalto?

- Em minha casa, Leonardo - responde Lamberto. - Raptaram minha esposa e os dois filhos, além disso, puseram fogo à casa e mataram todos os animais.

- Que horror, Lamberto! Vamos logo repicar o sino.

E o sino, tocando a rebate, no silêncio da noite, põe toda a população em sobressalto e alvoroço.

- Fogo! Fogo! - gritam os moradores. Onde o fogo, João?

- Não é fogo! Os bugres. Os bugres assaltaram a família Versteg. Raptaram a mulher e os filhos. Queimaram a casa, os galpões, tudo, tudo.

* * *

Impressionante a solidariedade do povo de São Vendelino. Todos estão com pena de Lamberto. Todos querem tornar parte na expedição que imediatamente se forma para resgatar a família. Alguns estão até dispostos a marchar para a mata ainda naquela noite.

No dia seguinte, diante da casa de João Boesing, reúnem-se 26 voluntários, chefiados por Matias Rodrigues da Fonseca, dono de dois grandes cães amestrados, homem corajoso, sagaz, amigo de todos, o pai adotivo de Luís Bugre. Ah! Luís Bugre!

O esquadrão, bem armado e equipado, vai ao local do sinistro. Todos contemplam horrorizados aquele quadro horrível. E todos concebem então uma indignação incontrolável, que lhes empresta extraordinária disposição e coragem para enfrentar o perigo dos selvagens, o mistério da selva, transpondo todos os obstáculos, a fim de reconquistar ao amigo Lamberto o que lhe resta de mais querido - a esposa e os filhos.

É o dia 15 de janeiro de 1868. Linda manhã de segunda-feira. O calor excessivo prenuncia chuva ou trovoada para a tarde ou a noite.

Gigantesca batida. Os cachorros à frente, farejando. Os homens, esparramados, formando larga coluna, vão abrindo caminho a facção, pulando pedras e troncos caídos, morro acima, morro abaixo. Uma hora de estafante corrida, sem que surja vestígio dos índios. Nada.

Por fim, Antônio Ludwig solta um grito de alegria:

- Vejam o que encontrei. Um pedaço de pano. Olhe aqui, Lamberto.

- É do vestido da minha mulher. Decerto ela rasgou e deixou cair para nossa orientação.

- Vamos dar a cheirar aos cachorros - sugere Rodrigues, que com forte assobio reúne o Caro e o Ferro. Chega-lhes ao nariz o pedaço de tecido. Os cães cheiram e a seguir, com extraordinária disposição, deitam a correr, farejando, farejando.

Vão e vêm, dando voltas, até que alinham e seguem rumo certo. Descobriram a pista. Duas horas de louca batida, vencendo

mil obstáculos, deixando os homens cansados de tanto correr, acompanhando os dois cães.

De repente, Nero estaca. Sacode a cauda alegremente e levanta nos dentes outro pedaço do mesmo tecido.

Agora a fúria dos expedicionários é ainda mais agressiva. Taquaras, troncos, arroios, pedras, nada os detém.

Mas não há quem aguente a desenfreada corrida dos cães. Por isso, Rodrigues vê-se obrigado a prender um deles.

Nicolau Reis, que é de incrível resistência, segue a frente com o Nero, que volta e meia descobre um retalho de vestido de Valfrida.

PAUSA PARA ALMOÇO

É quase meio-dia, quando o esquadrão chega a uma clareira da mata. Local excelente para descansar e comer. No meio da clareira, há ossos recentemente descarnados.

- Aqui os bugres pararam para comer - esclarece Rodrigues.

- Pois é - completa Matias Scherer. - Vejam aqui onde fizeram fogo.

A turma toda se reúne. Todos deitam. Descansam e depois comem do seu farnel.

Estão ainda lá sentados, fumando, quando de repente os cães rompem a latir furiosamente, a uns cem metros de distância.

- Os bugres! Os bugres!

Num instante, todos, de arma em punho, avançam cautelosamente para o lado de onde vem o acôo.

- É um tigre! - exclama Adão Petry, o primeiro a descobrir a razão dos latidos. Uma onça, trepada num angico, olha furiosa para os cães.

- Já lhe lasco fogo! - declara Nicolau Reis, apontando a arma.

- Não seja louco, Nicolau - intervém Rodrigues. – Não atire, por favor. Os bugres ouvem os tiros e aí ninguém mais os pilha.

- É verdade - acrescenta Nicolau Lermen - mas também não podemos deixar o tigre ali. Quem é que pode tirar os cachorros de baixo do angico?

- Deixem para mim - diz Tomás Postai. - Eu pego o bicho a unha. Trego e tiro a fera de lá num instante.

- Essa é boa, Tomás! – exclama João Lotterman. – Então você pensa que aquilo é gato?

- Eu sei. Eu subo lá. Mas se vocês me virem em perigo, atirem.

- Certo, Tomás - diz Xavier Boeni. - Trepá já, que estamos ansiosos.

Postai agarra então um feixe de ramos verdes, e com eles enfaixa o antebraço esquerdo. Envolve com o casaco e amarra com as mangas. Depois, facão entre os dentes, trepa como um gato, diante da alegre expectativa do resto da turma.

Enquanto isso, Simão Backerdorf dependura o casaco em longa taquara, colocando na extremidade o chapéu. É um espantalho que ele vai aproximando da onça, com o fito de desviar-lhe a atenção sobre o perseguidor. É um curioso estratagemas que eletriza a turma, enquanto os cachorros esganiçam e pulam em delírio.

Com olhos de fogo, a onça encara ora o espantalho, ora o homem que dela se aproxima. Parece que não sabe a quem se atirar.

Tomás sobe, sobe. Vai-se aproximando. Firma-se em grosso galho. Simão ajuda, agitando o espantalho, chegando mesmo a tocar a fera com ele. Mas a onça não quer se jogar contra o espantalho. Ela reconhece o seu legítimo perseguidor. Solta terrível miado, que a todos faz tremer.

Tomás, de facão em punho, já se encontra ao alcance. O jaguar dilata as ventas e sopra um bafo quente sobre o caçador. Depois desvia o olhar para o chão, procurando cancha para saltar. Mas o solo está forrado de gente.

Postai solta forte grito, a que a fera responde com esturro espantoso. Abre a boca. Tomás apresenta-lhe o braço encoberto. O

tigre crava os dentes naquele feixe de ramos folhudos, enquanto o facão lhe penetra o ventre. Nesse instante a floresta estremece sob berro terrível.

Cá em terra, a gritaria dos homens mistura-se ao furioso latir da cachorrada. A onça, sangrando, trepa pelos galhos acima. A seguir, fulmina Postai com olhar terrível e salta sobre ele. O homem defende-se com destreza, encolhendo-se por trás do tronco. As garras da fera rasgam-lhe apenas a manga da camisa.

O corpo do jaguar vai cair sobre grossa forquilha, onde fica tremendo, jorrando borbotões de sangue, que os cães vão lambendo gulosamente. Daí a pouco, a fera tomba com fragor. Henrique Esswein quer meter-lhe o facão. Neiss o detém a tempo:

- Estás louco, homem? Ela vai te matar.

E mata mesmo. Mata o Nero, o cachorro que investira contra a onça. Recebeu violenta patada do felino, que lhe cravou as garras na cabeça, matando o valente animal. Pouco depois, expira também o tigre. Era um belo exemplar, de pelo sarapintado.

- Quem vai ficar com a linda pele? - Ora, quem abateu o tigre.

- Não - intervém Rodrigues. - Não há mais tempo a perder, tirando a pele. Vamos pra frente. Vamos atrás dos bugres.

UM GRANDE SUSTO

Caro não possui a agudeza de faro do infelizmente Ferro. Perde a pista com facilidade, enervando a expedição. Entretanto, depois de várias batidas, ele descobre um pedaço de roupa e então entra no rumo certo.

Vai correndo e, por fim, desorienta-se, perdendo outra vez a pista. Após exaustivas buscas, ele se entrega, recusando-se a farejar. Mas os expedicionários não desanimam. Caminham, caminham. Cem metros andados, descobrem pegadas humanas, seguindo direção diferente. O cão, todavia, recusa-se a seguir qualquer uma delas. Que houve? Jacó Müller, homem silencioso e ponderado, esclarece:

- A meu ver, os bugres dividiram-se aqui em dois grupos. E, para despistar, carregaram os presos ao colo. Por isso, o cachorro nada mais descobre.

Deve ser isso mesmo - confirmam todos.

- E agora, que fazer?

- Como já é tarde, vamos acampar por aqui. Amanhã cedo, descansados, daremos um jeito. De acordo? - pergunta Rodrigues.

- De acordo - respondem todos.

Ajeita-se a acampamento. Acendem uma fogueira. E todos tratam de alimentar-se e descansar. Os bugres devem andar longe. Por isso, não é preciso ficar de sentinela durante a noite.

Mas os índios não estavam longe, não. Estavam perto, e agora vão pregar um susto aos colonos.

Estes, depois de comer, formam dois grupos, longe um do outro. Lá estão sentados, fumando, conversando. É noite.

De repente, sibila uma seta, que vai cravar-se no tronco de uma figueira, debaixo da qual se encontra a grupo chefiado por Rodrigues.

- Os bugres! - gritam apavorados, como fulminados por um raio. E no mesmo instante. Instintivamente, detonam as armas. Os tiros alarmam os companheiros do outro grupo, que imaginam uma tragédia, provocada pelos índios.

Todos postam-se por trás dos troncos, de arma engatilhada, em silêncio, à espera do entrevero. Feio entrevero, no meio da mata, na escuridão da noite. Expectativa! Expectativa terrível!

A selva sacudida momentaneamente pela explosão do tiroteio, retorna ao silêncio. Apenas o piar da coruja, o coaxar das rãs, o cricrilar dos grilos. Vagalumes riscando fósforos na escuridão...

O silêncio prolonga-se, atormentador. Prolonga-se demasiadamente, enervando a turma que não vira flecha alguma, sinal algum dos bugres.

Xavier Boeni, que é um grande cômico, está impaciente por soltar uma risada. Ele não acredita na presença ali perto dos selvagens. Aquele tiroteio deve ter sido uma brincadeira, para assustar.

Aí ele começa a rir sozinho, na surdina. O riso vai contaminando toda a turma. E explode uma gargalhada. Rodrigues levanta-se indignado. Vai junto daquela turma e diz:

- Atenção, gente! Vocês estão rindo. Mas o caso é sério. Venham ver a seta cravada no tronco da figueira.

É verdade. Os bugres andam por perto. E enfrentá-los na escuridão da noite, no meio da mata, não é brincadeira. É preciso organizar a defesa.

Todos deitam então, formando um círculo. Arma em punho. Dedo no gatilho. Facão ao lado.

Silêncio. Escuridão. Mosquitos. Um enxame de mosquitos. E micuins. Um tormento. De repente, um clarão. Não é fogo de guerra, é apenas um relâmpago. Relâmpago que anuncia chuva, talvez uma tormenta.

Agora aumenta o perigo. Ao clarão dos relâmpagos, os índios podem descobrir o paradeiro de seus perseguidores. É preciso ficar alerta. Arma engatilhada. Olhos bem abertos. Ouvidos atentos.

Daí a pouco, no meio daquele silêncio atordoante, enervante, um ruído. Um ruído pelo chão. Ruído que se aproxima. Devagar, bem devagar.

- Aí vêm eles.
- Eles quem?
- Os bugres. Escutem o barulho.

Sim, é um barulho. Todos escutam o barulho. Ali, a poucos passos.

- Eu atiro - diz João Ramler.
- Não. Por amor de Deus - adverte Jacó Schmitt.

O misterioso ruído continua. Avança. Está ali pertinho.

Senão quando, lampeja outro relâmpago, pondo todo mundo de sobressalto. Antônio Ludwig solta uma gargalhada, que scandaliza o resto da turma.

- Que belo bugre! Está aqui ele. Venham ver.

- Estas louco, Antônio?

- Uma caninana, gente. Uma grande caninana de dois metros. Decerto veio à procura dos restos de comida.

Realmente. Ouve-se agora o deslizar da serpente, fugindo e pondo fim àquele tormento de angústia e agonia.

O REGRESSO DA EXPEDIÇÃO

Os relâmpagos recrudescem. Ribomba um trovão. O vento sopra com ímpeto. Sapos e rãs coaxam intensa e festivamente, antegozando a alegria do temporal que vai desabar.

Ninguém está preparado para enfrentar a chuva. Ninguém traz capa ou guarda-chuva. Todos procuram abrigo sob grossos troncos inclinados. Mas, assim mesmo, o banho é geral. Todos, molhados como pintos!

O temporal dura pouco tempo. É apenas uma trovoada de verão. Trovoada impiedosa que transforma em tormento o resto da noite. Encharcados, tiritando de frio, batendo os dentes, espirrando, os pobres colonos passam a noite de pé. Noite de agonia, que parece não ter fim.

Antes mesmo do clarear do dia, um passarinho solta um tímido pipio. Depois, o inhambu trila o seu apito cromático e estridente. E, a seguir, a orquestra da passarada rompe seu hino matinal.

Clareia o dia. Surge o sol, atenuando um pouco a inaudita prostração que a todos acabrunha. Acanseira, o desânimo, a desilusão, estampa-se na macilenta palidez de todos os semblantes.

- E agora, compadre?

- Agora? Agora é o fim da expedição. Estamos todos entregues, sem forças, sem alimentos e sem cachaça.

- É verdade. Agora não adianta insistir. A chuva apagou todos os vestígios. O cachorro nunca mais poderá descobrir qualquer pista.

- Além disso, os bugres podem andar por aí perto, escondidos, armando espera para nós.

- Pois é, agora que ouviram os tiros.

- O único remédio é regressar.

* * *

Todos estão dispostos a retornar a suas casas, em São Vendelino. Todos, menos Lamberto. Ele seguirá a expedição quase sempre em silêncio, ruminando sua dor, lamentando sozinho a incrível desgraça que lhe coube.

Com imensa alegria, com infinita gratidão, contemplava ele a desesperada corrida dos intrépidos amigos! Que extraordinária disposição em afrontar todos os perigos!...

Agora, ouvindo a justa mas dilacerante proposta da desistência na busca do paradeiro de sua família, não pode calar.

- Pois é, meus bons amigos! Fico-lhes eternamente grato. Vocês foram heróis! Cumpriram com valor a missão. Podem voltar. Voltem para junto das famílias, que devem estar ansiosas pelo retorno de vocês. Voltem todos. Eu, porém, não voltarei. Não posso voltar. Hei de andar sozinho pela selva até encontrar minha família. E se não a encontrar, ficarei por aqui mesmo. Hei de morrer nesta solidão. Para mim, a vida perdeu a razão de continuar.

- Não, Lamberto! Nunca! Você não pode ficar aqui.

- Seu Rodrigues, eu fico.

- Não. Lamberto. Por amor de Deus! Imagine só a nossa situação. Voltar sem você, ninguém volta. Nem falar, Lamberto.

- Seu Rodrigues...

- Escute, Lamberto. Nós voltamos a São Vendelino, mas eu irei ter imediatamente com o Governo. Eu juro. Olhe, Lamberto, eu

não quero mais que me chamem Matias Rodrigues da Fonseca, se não trouxer socorro policial para resgatar sua esposa e seus filhos. Ainda amanhã, irei a São Leopoldo.

Lamberto comove-se. Comove-se profundamente diante de mais este gesto impressionante de autêntica amizade e dedicação daquele generoso chefe. Comove-se até as lágrimas.

Fica então pensativo. Reflete e anima-se diante da ideia de que uma escolta oficial poderá efetivamente resgatar sua família. Até parece que está vendo Valfrida regressando sã e salva, com Jacó e Lucila.

Resolve, pois, aceitar a proposta apresentada e regressar a São Vendelino junto com os demais expedicionários.

Voltam todos pelo mesmo caminho. Tomás Postai vai agora tomar posse da pele do tigre que ele abateu. Meia dúzia de companheiros ajudam a tirar o couro, uma pele belíssima, malhada, que dará um valioso tapete. Seu dono volta vergado sob o peso daquele troféu, troféu conquistado em renhido combate.

A expedição chega a São Vendelino de noite. Todos são recebidos de braços abertos em suas casas. Todos menos Lamberto. Ele não tem mais casa. Não tem família. Não tem esposa. Não tem filhos.

Matias Rodrigues da Fonseca recebe-o em sua casa. O conforto daquele lar, o carinho daquela generosa família, mais do que consolá-lo, aumenta-lhe a saudade da sua inesquecível família. A família que para ele poderá estar morta...

A FUGA DOS BUGRES

Enquanto aguardamos a organização da expedição oficial, vamos acompanhar os índios fugindo para o mato, levando manietados os três prisioneiros.

São cerca de 50 bugres caingangues, estatura mediana. A cor amarelo avermelhada dá-lhes um aspecto de um mulato escuro. Rosto redondo, com as maçãs salientes. Fronte pequena. Nariz largo e um pouco achatado. A boca é grande e os lábios reforçados. Olhos pretos, enviesados, dando um tom mongólico, algo semelhante a um japonês.

Mãos e pés pequenos. Pernas finas. Caminham com passo curto. Cabelos bem pretos, finos, lisos, abundantes e luzidios. Estão cortados em forma de coroa, dando impressão de uma rodilha enfiada na cabeça calva.

No resto do corpo, ausência total de pelos, que eles costumam arrancar. Arrancam até as sobrancelhas. Procedem assim para dar aos brancos uma ideia de juventude permanente.

Quase todos sem tanga. Alguns trazem penas de papagaio presas à coroa dos cabelos. Um que outro enfeite ao pescoço, preso por embira. Alguns rostos tatuados com desenhos.

Durante meia hora, vão carregando os três prisioneiros. Depois, desamarram-lhes os pés e obrigam-nos a caminhar.

Valfrida recusa-se terminantemente a caminhar. Os bugres então empurram-na com violência, dando-lhe pontapés e bofetadas. A seguir açoitam-na com ramos espinhentos, arrancando-lhe sangue dos braços e das pernas.

Não há quem possa resistir a tão cruéis tormentos. O recurso é marchar. Marchar, acompanhando a fila indiana dos caingangues. Vão todos em fila indiana, um atrás do outro, em silêncio.

À frente vai um bugre velho, sem orelha. Atrás dele, Valfrida, Lucila e Jacó. A seguir os demais, todos em fila e em silêncio. Sempre em fila e em silêncio, andando a passo ligeiro, vergando sob o peso dos fardos que roubaram na casa de Lamberto.

A certa altura, Valfrida tem uma ideia, uma ideia genial. Rasga um pedaço do vestido e deixa-o cair. É um expediente que poderá servir de pista aos libertadores, em quem ela confia plenamente. De longe em longe, ela vai largando um pedacinho de tecido.

A marcha é penosa, pelo cerrado matagal, galgando montanhas, transpondo sangas, pedras e troncos caídos, rasgando a roupa e a pele nos espinheiros. Tropeçando em cipós e japecangas espinhentas, que rasgam a roupa, a pele das pernas e dos pés.

Os pés de Lucila sangram tanto, que ela não pode mais andar. A mãe vê-se obrigada a carregá-la ao colo. Jacó, igualmente, vai cansado.

Os bugres também suam, ao peso dos enormes pedaços de carne de gado e de porco, ao peso das galinhas, dos fardos de roupa, louças, talheres, vasilhas...

As forças de Valfrida vão-se exaurindo. Ela quer atirar-se ao solo para não mais levantar. Entretanto, de repente, ouve-se um grito de fera ou de ave. Então o índio velho, que vai à frente, na ponta da fila, suspende a marcha. Todos param.

Valfrida tem impressão de que o grupo descreveu. Acho – pensa ela – que um grupo seguiu por outro lado.

O cacique diz umas palavras na língua incompreensível dos caingangues. A seguir, toda à indiada entra em atividade. Amontoam pedras. Juntam lenha. Retalham carne. Com fósforos roubados na casa de Lamberto, acendem uma fogueira. Assam a carne, pondo sobre ela folhas aromáticas.

Os bugres estão contentes e começam a dançar ao redor do fogo, prelibando o gostoso churrasco. Churrasco proveniente de sua cruel façanha.

Depois entram a comer com voracidade. Parecem mortos - de fome. Valfrida recebe a sua parte. Ela também está com muita fome e grande fraqueza. Come com extraordinária disposição, mas os filhos não querem comer. Comem um pouco porque a mãe os obriga.

A seguir alguns índios se dispersam pela mata, em busca de frutas e caça. O cacique, daí a pouco, repara nas feridas dos pés dos três brancos. Fica olhando. Parece que tem pena das pobres criaturas. Chama cinco bugres, fala com eles, mostrando-lhes as feridas dos prisioneiros.

Valfrida interpreta com otimismo aquela estranha linguagem: Agora eles vão nos abandonar. Que bom meus filhos! Estamos salvos!

Os bugres, obedecendo as ordens do seu chefe, vão pondo mais lenha sobre as brasas, gesto que apavora a pobre mãe, que agora corrigindo seu pensamento, diz consigo: Eles vão nos assar no fogo para nos comer.

Em poucos minutos, as chamas devoram toda a lenha, ficando apenas um enorme braseiro.

O cacique pega uma faca, uma faca roubada na casa da família Versteg. Cinco indígenas agarram Valfrida e as crianças, que

gritam desesperadamente. Para que se calem, os índios dão-lhes pancadas na boca.

Em seguida, com a faca, abrem talhos profundos nos pés. O sangue tinge as mãos dos cainganges, que depois arrastam as vítimas para junto do fogo e mergulham os pés cortados no braseiro, queimando-lhes as feridas, sem o menor constrangimento.

A dor de Valfrida e dos filhos é tão grande, que parece-lhes tenham amputado os pés. Logo após, um bugre apanha uma erva, tritura-a com uma pedra e coloca sobre as feridas, amarrando com embiras. Trazem uma vasilha com água fresca. Retiram-se de perto, deixando os três a sós, gemendo e pensando sobre o mistério daquele martírio.

A tarde vai morrendo na floresta. Os bugres retornam com frutas e caças. Sobre folhas grandes colocam batingas, guabijus, maracujás e oferecem aos brancos.

Os índios assam carne de gado, porco e galinha. Jantam. Depois amarram com cipós os pés da mãe branca e da filha. Um velho guerreiro leva Jacó para junto de si. Deita ao seu lado. Passa-lhe o braço pelo pescoço e o aperta com seu corpo. E, assim, abraçados ambos adormecem num sono pesado.

No acampamento todos dormem, no silêncio da noite. Apenas grilos cricrilam perto. Longe coaxam sapos e rãs. De vez em quando soa uma voz que parece de gente. É o grito do urutau.



O PREÇO DA LIBERDADE

Jacó dorme nos braços do índio guerreiro. Dorme Lucila, manietada. Os índios dormem profundamente naquele acampamento improvisado. Só não dorme Valfrida, que desde a manhã vem estudando maneira de fugir com filhos.

Vai agora chegar o momento da tentativa de fuga. Agora quando todos os bugres dormem seu sono pesado após um dia de afanoso trabalho.

Ela escuta o ressonar coletivo dos caingangues. Ao leve clarão do luar, que se coa por entre as ramadas, ela vê que não existe ninguém de sentinela. Ninguém. Que beleza!

Mas a mulher está amarrada. Amarradas as mãos. Amarrados os pés. Amarrados os braços ao busto. Faz um esforço. Tenta desvencilhar as mãos. Os liames de cipó são fortes, parecem laços de couro.

Aos poucos, porém, vão cedendo, cedendo. Enfim, rompe-se o cipó que enlaça o busto. Agora ela leva as mãos aos dentes, que vão cortando, cortando. Cortam o nó mestre. Os demais cedem com facilidade. Com facilidade cedem as amarras dos pés. Solta um fundo suspiro. Graças a Deus!

Enxuga o rosto com a saia. Respira profundamente. Olha ao redor. Todos continuam dormindo profundamente.

Agora é preciso acordar o filho, que dorme nos braços do forte guerreiro. Não será fácil subtraí-lo sem que o índio perceba.

Levanta-se. Curioso! Quase não sente dor nos pés. A erva fora um santo remédio. Ela não sente dor. Decerto os filhos também não sentem. Então os três poderão fugir correndo. Ótimo!



De gatinhas, com toda a cautela, a mãe se aproxima do filho. Apertado pelo braço esquerdo do bugre, respira com dificuldade. Solta sons confusos, provocados por estranhos sonhos. A mãe ajoelhada ao lado de Jacó, começa a passar a mão de leve pelo braço do rude selvagem. Depois, agarra-lhe a mão. Tenta erguer o braço. Mas o braço parece de chumbo. Com as duas mãos e com toda a força mal consegue movê-lo.

O índio estremece e abre os olhos. A mulher encolhe-se por trás do corpo de Jacó. O guerreiro vira-se para o lado oposto e ferra no sono pesadamente. É o momento de agir, Valfrida agarra-lhe outra vez o braço, ergue-o e liberta o filho.

Fala-lhe ao ouvido:

- Acorda, filho... Acorda. Sou eu, a mãe. Acorda que vamos fugir.

O rapaz contorce a face, geme, mas não acorda.

- Abre os olhos, filho de minha alma! Olha para mim. A mãezinha está aqui.

Enfim, ele abre os olhos, fita a mãe e tenta falar. Valfridatapa-lhe a boca, dizendo baixinho, ao ouvido:

- Silêncio! Não fales. Jacó, meu bem. Os bugres dormem. Vamos fugir. Vamos embora para casa.

O rapaz, com auxílio da mãe, vai se afastando devagar. Depois ambos levantam e vão para junto de Lucila, que dorme, manietada. A mãe toma-a ao colo. E os três vão deixando o acampamento dos índios, que dormem tranquilamente, e nada percebem.

Lucila, nos braços da mãe, continua dormindo. Lá adiante, Valfrida para, coloca a filha no solo e desamarra-lhe as mãos e os pés. Agora a pequena acorda e choraminga.



- Não chores, filha. Escapamos dos bugres. Agora vamos fugir para casa. Anda, coragem! Vem.

A mãe agarra-a pela mão. E os três vão caminhando apressadamente através do emaranhado da selva, na escuridão da noite. Apenas o luar permite distinguir os troncos, para não esbarrar contra eles.

Desfazem-se as ataduras dos pés, dos pés que sangram e doem. Doem, mas isto não importa, diante da alegria da fuga e do próximo encontro com Lamberto. A liberdade e a esperança de rever o esposo e pai superam todos os obstáculos.

Caminham à toa. Perdem o rumo de casa. Não faz mal. O que interessa é estar longe dos bugres.

Duas horas de marcha penosa, duas horas de dores incríveis, de angústia, de ansiedade. Põe fim, as energias se esgotam.

Vamos descansar, filhos. Aqui. Aqui no meio deste taquaral ninguém nos descobrirá.

Deitam sobre o tapete de folhas secas. As crianças caem logo num sono forte, a cabeça apoiada ao colo da mãe. Valfrida já dorme, já acorda, sobressaltada por sinistros pesadelos. A madrugada se prolonga angustiante.

Enfim, pássaros pipilam, anunciando o despontar do dia. Daí a pouco, a floresta se transforma numa orquestra de mil cantos de aves. Quando a sol principia a iluminar a selva, o inhambu apita, dando sinal de alarma, e a araponga martela na bigorna, como a dizer que trabalhosa será a jornada.

Jacó e Lucila ainda dormem. A mãe os contempla com alegria. Ela está otimista. Tem certeza de sua liberdade. Tem certeza de que as caingangues não mais se importarão com ela e seus filhos.

Mas ela está muito enganada. Coitada! Acorda os filhos.

Animo-os:

- Filhos, o sol está alto e o dia lindo. É hora de partir. Hoje mesmo estaremos em São Vendelino, junto do pai.

De repente, um ruído como de passos que se aproximam.

Estalam gravetos. Que será? Será gente ou será bicho?

Jacó e Lucila tremem, abraçados na mãe. O estranho rumor cresce. Sempre mais perto. Agora a rumor é no taquaral. Cessa por uns instantes e depois avança mais uns passos.

Valfrida aperta os filhos contra o coração. Agora nota-se melhor o ruído. Um assoprão. Alguma coisa, algum ser vivente está ali, arrancando folhas e mastigando.

Alivia-se a tensão. Graças a Deus, não são os bugres. Deve ser um animal. Um animal herbívoro. E era mesmo. Por entre as taquaras, pode-se ver um vulto escuro, a cabeça enorme, branca a fileira dos dentes, devorando folhas de bambu.

Súbito, a mamífero dá com os olhos em Valfrida e os filhos. Solta um berro e pula para trás, deitando a fugir a trote largo. Era uma anta, um dos maiores animais da fauna brasileira.

Jacó e Lucila, depois de toda aquela angustiada expectativa, só podem rir, vendo o susto do bicho inofensivo, que fugiu deixando-os em paz.

Todavia, dura pouco a alegria das três criaturas. Sim, porque os bugres, acordando ao clarear do dia e dando com a falta dos brancos, saem logo ao seu enalço.

Descobrir a pista para os caingangues é a tarefa mais fácil. Marcham diretamente para a taquaral. Chegam lá no momento exato em que a anta dispara assustada. Julgando tratar-se de uma onça os bugres abrem num berreiro ensurdecedor...



Nem sinal de tigre. Repelem duas, três vezes o berreiro. Nada. A floresta jaz em silêncio. Onça nenhuma e a anta já vai longe.

Agora um caçador adianta-se no taquaral e esbarra com as três coitados, que soltam um grito de pavor...

Os índios cercam-nos, soltando gargalhadas. E, aos empurrões e pontapés, Valfrida e os filhos regressam ao acampamento. Aqui os bugres, venda o sangue nos pés dos brancos, tratam de medicá-los. Dão de comer carne assada e frutas.

A seguir, não suportando a canseira e o sono, os três prisioneiros deitam e adormecem quase instintivamente.

CAMPO DOS BUGRES

Extremamente extenuados, os três cativos dormem durante várias horas. Por volta do meio-dia, os bugres os acordam, a fim de prosseguir viagem.

A marcha é penosa. A floresta montanhosa, entulhada de pedras, emaranhada de espinhos...

Fila indiana, como no dia anterior. Valfrida e os filhos à frente, logo atrás do velho índio sem orelha.

Em dado momento, o cacique ordena a suspensão da marcha. Todos param e escutam as palavras do chefe, que determina a formação de dois grupos. O mais numeroso, carregando a bagagem, segue por um rumo. O outro, formado por seis homens, toma conta dos brancos, indo mais devagar, por outro caminho.

Ao cair da tarde, o pequeno grupo acampa. Assam dois jacus que haviam caçado há pouco. Comem e dispõem-se a dormir. Agora tomam o máximo cuidado para que Valfrida não fuja de novo. Além de amarrar fortemente as mãos e os pés, fincam grossas forquilhas sobre o pescoço, de sorte que se torna impossível até mover a cabeça. É duro passar a noite naquela posição tão incomoda.

Felizmente, daí a pouco, chega um bugre com o terror estampado no rosto. Traz um recado para o chefe do grupo. O espanto toma conta do semblante de todos os índios.

Imediatamente, os presos são soltos e vão sendo empurrados para a frente, com toda a pressa.

Naquele instante, a mata estremece sob o fragor de cerrada fuzilaria. Valfrida não se contém e fala aos filhos, com alegria:

- O pai! É o pai que vem aí, filhos! Estamos salvos! Vamos parar.

E deita ao solo junto com Jacó e Lucila. Os selvagens dão-lhes pontapés, socos e bofetadas. E a mãe para os filhos:

- Não vamos levantar. Esperemos aqui. O pai está perto.

Os bugres suspendem a pancadaria. Falam entre si. Depois, erguem a clava e ameaçam matar aos três:

- Andar ou morrer!...

Não há outro expediente. É preciso obedecer.

Mas Valfrida vai contrariada, empurrada, arrastada. Os filhos perguntam:

- Mãe, o pai está longe?

- Não, filhos, o pai vem perto.

E a marcha prossegue na escuridão da noite. Uma noite abafada, noite de mormaço, com ameaça de chuva.

Lá adiante, param. Deitam os índios, formando um círculo em redor dos três cativos. As crianças dormem, extenuadas. Valfrida espregueia meio de fugir. Ela não dorme, não pode dormir.

Em breve, lampeja um relâmpago e ribomba um trovão. A bicharada noturna abre numa sinfonia discordante, prenunciando chuva. Há milhares de vozes em festa, porque vai desabar o temporal.

Os caingangues levantam. E a marcha prossegue na escuridão agora volta e meia iluminada pelo clarão dos relâmpagos.

Andam às apalpadelas, aos tombos, ladeira acima, ladeira abaixo. Mas os índios conhecem o lugar como a palma da sua mão. Lá perto existe uma grande furna, aberta sob um paredão de 35 metros de altura, por onde se despenca uma linda cascata, formando amplo véu. É um local maravilhoso, mais tarde descoberto também pelos imigrantes italianos, que o batizaram pelo nome de Salto Ventoso. Está localizado a meio caminho entre as cidades de Farroupilha, Garibaldi e Carlos Barbosa, a uns trinta quilômetros de Caxias do Sul.

Com braçadas de folhas secas, os índios formam um leito para os brancos dentro daquela furna, ao abrigo da chuva. Os bugres não se deitam. Ficam a boca da gruta, espreitando o temporal.

Em dado momento, soltam um grito. Ao clarão do relâmpago, vê-se uma enorme aranha caranguejeira, seguida de uma infinidade de filhotes, todos correndo em busca do abrigo da furna. Os bugres tratam de afugentar as aranhas com gritos e pedradas, enquanto Jacó e Lucila tremem de medo.

O temporal é rápido. Os índios recolhem-se para dormir, bem junto dos brancos.

* * *

De manhã, o pequeno grupo põe-se novamente em marcha, através da mata ainda molhada pela chuva da noite anterior. Depois de galgar a encosta ao lado da furna, há um alívio geral, porque o terreno torna-se menos acidentado, por vezes, até plano.

Mas agora a floresta se transforma num imenso pinheiral. Um pinhalão de araucárias gigantescas, o tronco liso, muito alto, erguendo lá em cima sua airosa copa, formando imenso guarda-chuva aberto. O pinheiro-araucária, que tem por *habitat* exclusivo o Sul do Brasil, é uma das plantas mais belas e preciosas do mundo, causando inveja a todos os países fabricantes de papel.

O chão aqui está forrado de grimpas espinhentas que tombam dos pinheiros. Caminhar descalço no meio desse mundo de espinhos é um tormento incrível, diante do qual até os caingangues se amedrontam.

Então os bugres, não suportando as ferroadas dos espinhos, lançam mão de um expediente curioso. Com raminhos folhudos, formam uma espécie de calçado, amarrado por embiras. Para eles e para os brancos, cujos pés estão sangrando outra vez.

A marcha assim torna-se um tanto embaraçosa, mas traz alívio aos martirizados pés.

Ao meio-dia, surge diante deles um trecho de campo de farras pastagens. É um belo campestre, enfeitado por esbeltos pinheiros isolados.

Ao final daquele descampado, avista-se um aldeamento, a cavalo de uma coxilha. É a taba dos caingangues. É lá que Valfrida e os filhos vão morar agora, como prisioneiros dos índios guaianás.

Sete anos mais tarde, em 1875, aquele local, batizado com o nome de Campo dos Bugres, dará início a uma grande cidade, a cidade de Caxias do Sul, fundada pelos imigrantes italianos.

* * *

Vendo ao longe aquele conjunto de humildes habitações, em forma de pirâmide, cobertas de palha, Valfrida tem a ilusão de que poderia ser um povoado de caboclos ou, quem sabe, de colonos. Renasce nela, então, a vã esperança de sua liberdade.

Mas, de repente, ela cai na realidade. No terreiro, mulheres e crianças nuns pulam alegremente, festejando a chegada dos homens que trazem a mulher branca e um casal de crianças, que também são recebidas com gritos e gestos de euforia.

O chefe do grupo narra agora às mulheres a façanha que acabavam de realizar, assaltando a casa de um colono, roubando-a e raptando a esposa com os filhos.

A seguir, o cacique chama uma velha bugra, de nome Ceji, a quem entrega os três brancos. Ela, com bondade, pega na mão de Valfrida e a conduz com os filhos para dentro de um rancho, que se ergue ao fundo da taba.

O rancho é pequeno e, como todos os outros, em forma de pirâmide, com três varas fincadas no solo inclinadas na parte superior, sobre as quais está fincada a cobertura, formada por taquaras amarradas, folhas de xaxim e palmas de jerivá, que é uma variedade de coqueiro alto do Sul do Brasil.

Este rancho é a moradia das viúvas e dos órfãos da tribo. Será também, de agora em diante, a moradia de Valfrida e seus filhos.

Ceji e as outras mulheres procuram agradar os três brancos, oferecendo-lhes carne, frutas e água, que eles aceitam, pois estão com muita fome e fraqueza. Lucila não aguenta mais em pé e deita-se para dormir.

Passadas umas horas, ouve-se lá fora uma gritaria. As mulheres do rancho, num pulo, estão no terreiro. Valfrida espia pela porta e vê um grupo de bugres que chegam, carregando embrulhos.

Diante da curiosidade e gritos de alegria das crianças, retiram a panela furtada na casa de Lamberto. Retiram a chaleira, o bule, pratos, xícaras, talheres.

O entusiasmo dos bugres é incrível. E em breve ele vai aumentar, quando seis cainganges chegam tocando uma vaca. Valfrida reconhece no animal a sua querida vaquinha de leite...

E, pela noite a dentro, a festiva algazarra se prolonga, ao redor de fogueiras, no centro do terreiro. Os que não tomaram parte

no assalto escutam com atenção a narrativa do épico acontecimento, um dos capítulos mais interessantes de toda a história da tribo.

Naquela primeira noite na taba dos guaianás, Valfrida passa longas horas de insônia, deitada com os filhos sobre peles de feras, esplendidas pelo chão batido da cabana.

FESTA NA TABA

Os filhos dormem e ela, acordada, medita com dor imensa na sua desgraça. Reconhece que sua sorte está lançada. Sua fuga para junto do marido é praticamente impossível.

Entretanto, de manhã, depois de haver dormido um pouco, achando-se mais descansada, tem ainda um raio de esperança. Quem sabe, a bondosa velhinha Ceji talvez se compadeça dela e a deixe voltar para São Vendelino...

Depois de comer, junto com as mulheres indígenas, uma espécie de polenta grossa, preparada com farinha de milho, Valfrida, com gestos, manifesta às índias que deseja lavar-se, pois não se lava desde que saiu de casa.

Uma bugra leva-os então ao arroio, onde eles lavam as mãos, o rosto, os pés. Um banho restaurador. Valfrida sente certo conforto e fala aos filhos:

- Se quisermos voltar para junto do pai - diz-lhes ela - devemos agradar sempre aos bugres. Obedecer alegremente a todas as ordens. Prestar todo o serviço possível. Comportai-vos bem, meus filhos. Amai a todos como irmãos. Sempre dispostos e de bom-humor. E procurai aprender logo a língua que eles falam.

Jacó e Lucila, segundo os bons conselhos da mãe, começam desde logo a brincar com as crianças indígenas, enquanto Valfrida procura aprender o nome dos objetos, na complicada língua caingangue.

* * *

Aquele dia é de festa na taba. Todos entram em intensa atividade, preparando a festança para a noite, quando será comida a Mabita.

Além da carne da vaca, assada ao calor das brasas, haverá papagaios como sobremesa. Papagaios que os bugres costumam caçar na copa dos pinheiros.

Ao entardecer, bandos de milhares de papagaios serranos vêm dormir na copa dos pinheiros, ali perto. Chegam de todas as bandas, numa algazarra ensurdecidora.

À noite, os índios trepam nos pinheiros, mediante escadas de cipó. Com archotes acesos, cegam as aves, que não fogem nem se mexem. Um lacinho de embira, preso a extremidade de uma vara, enlaça o pescoço do papagaio. Um violento puxão, e, pronto, está morto.

No centro do terreiro, vai se formando um montão de lenha. Depois, à tarde, os bugres todos em redor. Mulheres, crianças, Valfrida, Jacó e Lucila.

A um sinal do cacique rufa o tambor e a fogueira se acende. Arde a fogueira, enquanto os índios, de mão dada, pulam ao seu redor.

Daí a pouco, trazem a Mabita, a vaca malhada da família Versteg. Vem enfeitada com uma grande coroa de flores silvestres, enlaçando o pescoço.

As crianças gritam de alegria, assustando a vaca, que berra e tenta fugir. Mas logo um índio, com o rosto, peito e braços pintados de cores berrantes, avança de faca na mão e vai cravá-la no sangradouro.

Aos berros do animal, gritam festivamente os bugres. Valfrida, entretanto, tapa os olhos com as mãos, e chora. É triste aquela

cena! A sua querida vaquinha de leite, do qual se alimentavam, ela, seu esposo e os filhos!...

Em pouco tempo, a vaca está esfolada, retalhada e espetada. Enormes pedaços de carne em grandes espetos vão assando lentamente ao calor das brasas.

Numa panela, que também fora furtada na casa dos colonos, fervem os papagaios, cujo caldo será depois servido como aperitivo.

Mulheres começam a servir o cauim, suculento e embriagador, cada uma a seu marido. Elas também tomam depois. Tomam até ficarem tontas.

Quando o assado, temperado com folhas aromáticas, exalando apetitoso odor, está no ponto de ser serviço, todos recebem sua porção de carne. Valfrida e os filhos comem com a velha Ceji e demais viúvas e órfãos. Cada um recebe ainda um papagaio cozido.

Horas após, começa a dança, ao som de um tambor e de uma flauta agreste. Homens e mulheres, dançando, girando, pulando, gritando, em meio a uma roda de gente, formada por rapazes, moças e crianças.

A seguir, dois bugres se atacam numa luta romana. Violenta luta singular, um procurando derrubar o outro, sob as aclamações e aplausos da torcida.

Por fim, um combate simulado. Homens divididos em dois campos opostos. De repente, trila o apito, e entram em luta, no meio de infernal gritaria, amedrontando Valfrida e os filhos.

Uma pausa. O cauim recomeça a roda. Embriagados, dançam aos berros, aos pulos, até caírem por terra, extenuados.

Alguns, estendidos no solo, dormem ali mesmo, no terreiro. Outros vão se arrastando até os ranchos.

Valfrida, Jacó e Lucila, recolhem-se a cabana da velha Ceji.

O silêncio impera soberano na taba dos Coroados. No meio do terreiro, um montão de cinzas. Sopra a brisa e levanta uma chama fugaz.

O ÊXODO

No dia seguinte, ao acordar, com o sol alto, Valfrida ouve cachorros latindo. Quem sabe. - pensa ela - pode ser o Lamberto. Cachorro é sinal de gente civilizada. Bugre não tem cachorro.

Levanta-se. Tenta sair da cabana, mas Ceji não deixa. Espiando pela porta, ela consegue observar um grupo de índios em redor de um homem vestido, chapéu na cabeça.

De repente, ela reconhece Luís Bugre e solta um grito. Sim, era ele, Luís Bugre. Lá está falando, gesticulando, apontando para as bandas do Sul, diante do espanto de todos.

As mulheres saíram agora do rancho. Valfrida vai atrás delas. Arma-se de coragem e dirige-se para Luís, que de longe a reconhece. Chega-se a ela, com ar de troça, e fala:

- Bom dia, mulher branco. Tu aqui? Fugir do marido, mulher ruim!

- Ah! Malvado! Tu ainda falas assim? Traidor! Tu és o culpado de nossa desgraça!...

- Traidor eu? Não, mulher! Luís, homem bom! Luís fazer mal ninguém.

- Meu bom Luís! Se és bom, como dizes, tem pena de nós. Tu podes nos salvar. Dá um jeito, sim, Luís! Meu marido vai te recompensar.

- Recompensar?! Qua, qua, qua! Eu saber disso. Branco recompensar Luís cadeia. Não, Luís não ser bobo!

- Escuta, Luís, meu marido sabe que nós estamos aqui?

- Marido saber, sim. Homens, policiais, vir com espingardas. Bugres fugir imediatamente. Bugres levar mulher branco. Mulher orgulhosa agora ser bugre.

Luís fala com riso de troça. Valfrida põe-se a chorar.

- Mulher chorar, mulher ruim, bugres zombar. Mulher rir, mulher bom, bugres honrar. Polícia matar bugres; bugres matar mulher branco e filhos...

Não há mais esperança alguma para a infeliz mulher. Está perdida. Irremediavelmente perdida!

Retira-se então para o seu rancho, com os filhos, a chorar. Chora, procurando sufocar sua incrível revolta contra Luís Bugre.

Fica pensando no que ouviu: Decerto Lamberto vem aí com os policiais. Vem para nos resgatar. Será isto possível? E se, como diz Luís Bugre, os policiais matarem algum bugre, eu também serei morta. Eu e meus filhos. Aí, meu Deus, tende piedade de nós!

Luís Bugre despede-se dos seus amigos indígenas e regressa para casa, acompanhado pela sua cachorrada.

Os bugres entram logo a demolir a taba. Em poucas horas, não se vê mais uma cabana de pé. A aldeia desapareceu como por encanto.

A madeirama, os postes, ficaram amontoados no mato. As peles, as vasilhas, as panelas, enterradas. Alguns utensílios são embrulhados, a fim de seguir com a caravana. O restante, folhas de palmeiras, que cobriam os ranchos, os cipós que as prendiam, tudo é amontoado e queimado.

E, sem mais demoras, forma-se o cortejo, para o grande êxodo da tribo. Partem todos, homens, mulheres e crianças.

Um velho guerreiro, de cabelos brancos, vai à frente, puxando a longa fila indiana. Vão todos em silêncio. Em silêncio e

apressadamente. Apressadamente, porque a expedição dos brancos vem atrás, em feroz perseguição.

A SEGUNDA EXPEDIÇÃO

O Dr. Francisco Marcondes Homem de Melo, Governador da Província de São Pedro do Rio Grande, a pedido de Lamberto e Matias Rodrigues da Fonseca, autoriza o Delegado de Polícia de São Leopoldo a organizar uma expedição de resgate aos três brancos sequestrados.

No dia 22 de janeiro de 1868, no Forromeco. O Delegado de polícia parte com uma escolta de 18 voluntários, todos integrantes daquela laboriosa colônia alemã. São eles:

João Weisheimer, João Vogt, Xavier Angst, Pedro Alles, Castor Gewehr, Filipe Bammé, Nicolau Linsfeld, Filipe Althaus, João Bohn, Jacó Blank, Pedro Fusiger, Miguel Ort, Carlos Persch, Romeu Schäfer, Jacó Weirich, Valentim Weber, João Flach e LambertoVersteg.

Bem armados e providos de alimentos, partem, na certeza de que em menos de uma semana estariam de volta, trazendo Valfrida e seus filhos.

Luís Bugre aparece na hora da partida, prontificando-se a levar os expedicionários até a taba dos caingangues que detêm a mulher de Lamberto. Ele tinha um plano, que depois fracassou. Desejava entregar a Lamberto a mulher e os filhos a troco de grande soma de dinheiro.

Não era empresa fácil. Resgatada, Valfrida não deixaria de relatar a traição de Luís Bugre, o qual, neste caso, acabaria preso.

Por isso, com muito jeito, ele vai agora continuar sua negra tarefa de traidor.

A marcha da caravana através da mata, galgando fragosas escarpas, vai sem novidade no primeiro dia. Sem novidade igualmente a primeira noite na selva. No segundo dia, entretanto, surge um caso muito interessante.

A tarde vai adiantada. Todos estão cansados e famintos. Por isso vão parar e acampar junto de um arroio, local aprazível. Alguns deitam. Outros depenam aves abatidas durante a marcha. Terceiros acendem uma fogueira.

Luís Bugre, um tanto afastado do grupo, ia seguindo o curso do arroio, perseguindo um veado, com auxílio de sua inseparável cachorrada.

Os expedicionários descansam em silêncio. Súbito, alguém chama a atenção para um rumor que se faz sentir ao longe.

- Que é isso, pessoal?

- É o vento.

- Não é vento, não. Garanto que são os bugres.

- Não, não pode ser barulho de bugres - esclarece o Delegado. - Eles não se anunciam desta maneira, com tanto ruído.

O barulho aumenta. Pedro Alles, um velho caçador, é quem vai dizer a verdade:

- São queixadas. Porcos-do-mato. Uma grande vara de porcos-do-mato.

Que bom! Então que venham os porcos. Só assim teremos um bom churrasco hoje.

Todos se levantam, pegando nas armas, pois o rumor já vem perto.

De fato, dentro de alguns instantes, os animais começam a passar a uns trinta metros do acampamento. É uma vara imensa. Centenas. Muitas centenas. Todos juntos, de cabeça baixa, uns batendo os dentes, outros grunhindo. Passam sem se importar com a presença dos homens.

Rammé resolve dar um tiro numa linda porca, que vai na retaguarda. Ferido, o animal tomba, assanhando toda a manada, que agora, enfurecida, se precipita furiosamente contra os expedicionários.

Um cachorro atira-se contra os porcos, que mais se enfurecem. Uma tremenda confusão. Gritos. Tiros. Tombos.

- Trepas nas árvores, gente!

Todos procuram trepar na árvore que lhes está mais a jeito. Uns levam dentadas, rasgões de roupa. Mas enfim, todos estão salvos, lá no alto.

Os tatetos pisoteiam e devoram as provisões, deixando tudo, tudo inutilizado. E não querem debandar, por mais que gritem os homens. As espingardas estão no chão.

Um colono puxa do facão, abaixa-se e começa a desferir violentos golpes na cabeça dos bichos, matando alguns e ferindo outros.

O sangue parece enfurecer ainda mais a porcada, que tenta atingir o seu perseguidor. Um enorme porco consegue meter-lhe os dentes na manga e quase arrasta o homem para o solo. O Delegado salva-o em tempo, desferindo um tiro de revólver na cabeça do suíno.

A uma ordem do Delegado, todos cortam um galho, armando-se de cacete. E agora de cacete ou de facão, desferem golpes na cabeça dos animais. Não adianta. Quanto mais apanham, mais se enfurecem.

De repente, um assobio. Um forte assobio. É Luís Bugre, que, a certa distância, contempla o espetáculo, soltando gargalhadas.

- Luís, - grita o Delegado - venha em nosso auxílio.

Mas ele faz sinal que não quer nada. Limita-se a admirar aquele sangrento e estranho combate. Daí a pouco, entre tanto, ele resolve tomar parte na briga. Entra com valor, dando tiros de espingarda e atijando seus cachorros.

Alguns colonos conseguem resgatar a espingarda e vão desferindo tiros. Passados poucos minutos, todos de espingarda em punho. Por fim, descem das árvores e vão matando queixadas a tiro e a facão.

Incrível! Nenhum porco tenta fugir. Lutam todos até morrer. Não sobrevive um sequer. Ficou aquela enorme montanha de porcos mortos. Contando por cima, verificam que há mais de quinhentos. Talvez uns setecentos. Uma montanha de carne perdida! Carne, banha e peles. Tudo perdido.

Aproveitou-se apenas a carne de uma queixada para assar. O jantar foi um gordo churrasco.

A noite é mal dormida naquele acampamento. A horrível cena perturba o sono dos expedicionários. Sono agitado por pesadelos. Um sonha que é atacado pelas queixadas. Então procura defender-se, entrando em luta corporal com o vizinho. Ambos acordam. Verificando tratar-se de um sonho, soltam gostosa gargalhada.

De manhã, todos acordam mal-humorados. A carne gorda não lhes assentou bem no estômago. Estão com muita sede. Não tem mais café, nem cachaça, nem açúcar. Não tem comida alguma.

Tudo pisoteado e destruído pela avassaladora invasão suína. Vão então à procura de frutas, que devoram como lobos famintos.

Luís Bugre vai orientando a marcha para o Norte, onde moram os caingangues. De tarde, já no planalto, penetram na zona dos pinheiros. Um grosso pinhalão sem fim. Pelo chão, aquele horrível tapete de espinhentas grimpas.

Durante mais de uma hora, vão andando à sombra dos altos pinheiros. Depois surge o campestre. Luís Bugre para. Olha o campo. Arregala os olhos. Resmunga, fingindo aborrecimento.

- Que tens, Luís? - pergunta o Delegado.

- Bugres embora. Bugres todos embora. Casas embora.

E ele aponta para o local onde existia a aldeia dos guaianás.

Realmente chegando lá todos verificam que existia uma aldeia. Postes amontoados. Buracos abertos. Cinzas...

Luís Bugre mostra-se zangado exteriormente. O Delegado já vinha desconfiando da sinceridade do bugre civilizado. Agora agarra-o pelo pescoço!

- Socorro! Socorro! - exclama Luís. - Soltar, senhor Delegado. Soltar. Luís bom camarada.

- Bom para o fogo! Se és bom. Onde estão os bugres?

- Luís mostrar. Luís fazer tudo.

- Então vai com teus cachorros à procura dos bugres. Dá-nos pelo menos uma pista.

E ele então parte, com sua matilha de cães, embrenhando-se na selva. Os expedicionários sentam na relva do campo. Conversando. Trocando ideias, chegam à conclusão de que estão sendo atraídos por Luís Bugre. Resolvem, por isso, livrarem-se dele.

Luís retorna sem muita demora. Declara que os bugres vão indo lá adiante e que não será difícil alcançá-los, seguindo rumo nordeste. A seguir, ele volta a São Vendelino. Volta satisfeito, dando risada.

A expedição, acreditando ingenuamente na informação de Luís, rompe imediatamente para o rumo indicado, para a nordeste, quando, na realidade, os índios haviam tomado rumo oposto, o Oeste

Quatro horas de marcha acelerada através da mata. Andando, sempre andando para o nordeste. Enfim defrontam-se com o campo. A imensa campina gaúcha, aquela época já povoada de gadaria. A zona da mata, naquele tempo, ainda se encontrava despovoada, mas toda a campanha do Rio Grande do Sul tinha sido ocupada por paulistas, açorianos, lagunenses, mineiros e seus descendentes.

É um contraste impressionante! A floresta acaba ali de repente, deixando lugar para aquele imenso oceano de verdura, de pastagens nativas. A grama parece um veludo a perder de vista. De longe em longe, quebrando a monotonia, uma coxilha, um capão, uma restinga de mata ao longo do curso dos rios. . .

A expedição avista no longe um rebanho de vacas, pastando. Nenhuma moradia, nenhuma casa de fazenda, entretanto. Todos estão mortos de fome. O Delegado tem, então, uma bela ideia:

- Em caso de extrema necessidade, podemos abater uma rês, para matar a fome. Tranquilamente. Vai por conta do Governo.

Um tiro certo derruba uma gorda novilha, que logo é carneada. O churrasco, ali na beira do campo, a sombra do arvoredor, embora sem tempero, é saboreado gostosamente.

O pernoite é ali mesmo. De manhã, enchem outra vez o estômago de carne assada. Depois vão andando pelo campo. Depois de passar tantos dias no sombrio ambiente da selva, é um deleite correr a bela campina, aos raios de um sol embriagador, descortinando vastos horizontes...

Do alto de um coxilhão, avistam ao longe um conjunto de casas. É a moradia do proprietário daquele campo, do fazendeiro. Para lá se dirigem. Cães saltam furiosos, mas um grito de um gaúcho acalma logo a cachorrada.

O patrão, de bombachas, à porta da casa, manda um peão falar com os estranhos. Fica tudo esclarecido. E o Delegado e seus companheiros são convidados a entrar na casa daquele estancieiro, Manuel Firminiano, que recebe com extrema amabilidade toda a caravana, dando-lhe a mais cordial hospedagem. Manda logo carnear uma rês, para alimentar os visitantes.

No dia seguinte, o bom fazendeiro põe às ordens do Delegado a sua peonada, para auxiliar a busca dos índios.

Dividem-se agora em três turmas. Vão esquadrinhando a selva em todas as direções. Dez dias de exaustivas e infrutíferas buscas. Dez dias de incríveis canseiras, de sacrifícios sem nome.

Regressam à fazenda, onde se demoram alguns dias, refazendo-se com o carinhoso tratamento daquela hospitaleira família gaúcha.

Após 23 dias de ausência, a expedição chega a São Vendelino. Todos chegam trazendo no rosto macilento e sofrido a expressão do seu malogro, do seu inesquecível fracasso.

Lamberto, perdida a última esperança de reencontrar sua família, não tem mais alegria. Nem suporta viver naquele lugar de tão

tristes recordações. O local de sua tragédia. Por isso, vende suas terras e parte. Parte sem rumo certo, arrastando consigo o amargor de sua imensa desgraça.

ERRANDO PELA SELVA

Avisados em tempo por Luís Bugre, Os caingangues, após demolir a sua taba, fogem tomando a direção do poente, até chegarem às margens do rio das Antas.

Vão andando sem pressa, vergando ao peso dos fardos e das crianças de colo. Vão seguindo quase sempre o curso dos rios, onde a floresta se agiganta, formando soberbas galerias.

É um prazer vagar lentamente à sombra da gigantesca selva, contemplando a infinita variedade de flores, de aves, de animais, escutando aquela orquestra de vozes e deliciando a olfato com ondas de perfumes agrestes.

Até Valfrida esquece a dor da sua desgraça, ante aquela incomparável aventura, diante das maravilhas que a natureza lhe apresenta a cada passo.

Ela ainda alimenta a esperança de vir a ser resgatada pela expedição que vem aí. Lá adiante, um incidente curioso aumenta o encanto daquele passeio pela mata. O bugre que ponteia a fila indiana salta um grito e aponta para o alto. Lá em cima das copas, está uma capela de bugios, uma imensa capela que põe em festa toda a bugrada.

O cacique, por primeiro, desfere um dardo, derrubando um grande macaco, que tomba com fragor. O bando entra em reboliço lá no alto, pulando de árvore em árvore, buscando a fuga ou o esconderijo por trás dos troncos.

Outra flecha sibila e um bugio pende preso pela cauda a um galho de pinheiro. É preciso outra seta para que ele caia. Depois tomba uma fêmea com um filhote agarrado às costas. No solo, ferida, ela agarra nas mãos o filhinho e o apresenta ao bugre que

avança de porrete na mão. Valfrida vê lágrimas nos olhos do pobre animal que implora compaixão. Ela faz sina para que tenham pena dos bichinhos.

Mas os bugres não têm pena. Matam a fêmea a pauladas e, depois, agarrando a filhote pela cauda, despedaçam-lhe a cabeça contra um tronco...

A caçada foi enorme. Quarenta bugios adultos e oito filhotes.

Agora a trabalhadeira de assar. Enquanto uns abrem um buraco no terra, outros amontoam lenha. Para acender a lenha já não há mais fósforos. Os fósforos furtados na casa do colono haviam-se esgotado. Então um índio, para acender a fogo, vai servir-se do processo primitivo conhecido pelos coroados.

Agarra um pedaço de jervá seco e quase padre, que traz consigo. Agarra outro pedaço seco, são e duro. Agacha-se, coloca entre os pés um daqueles pedaços, mantendo o outro entre as mãos, verticalmente. Faz girar entre as palmas das mãos com rapidez. Ao cabo de dois minutos de fricção dos dois pedaços de jervá, aparece a brasa. O índio então assopra fazendo surgir alabareda, com que acende a lenha.

Dentro do buraco aberto, colocam pedras e lenha. Uma espécie de forno, que vai aquecendo aos poucos. Quando a terra e as pedras estão bem quentes, retiram as restos de lenha em brasa. Colocam naquele forno os bugios inteiros, com pelo e intestinos. Cobrem com folhas e terra.

A carne vai assando e os índios pulam contentes, prelibando o gostoso festim. Passada uma hora, o velho índio levanta a mão e diz: *Caru*, que significa *atacar*. Removem então a terra e as folhas, e um delicioso odor se derrama pelo ar.

Retiram os bugios. Agarram pelas pernas, desprendendo os quartos, que vão sendo distribuídos. Valfrida recebe a sua parte. Ela tem horror de comer aquela carne de macaco. Mas faz um esforço, para animar os filhos. Eles comem gulosamente, dizendo: - Que gostoso, mãe! Parece carne de galinha, não é?

* * *

A seguir, a um sinal do cacique, a marcha prossegue. Caminham durante horas. Chegando a um arroio, acampam. Tratam logo de dormir sobre folhas, no duro solo.

Há mosquitos. Alguns índios não se importam com as suas picadas. Outros friccionam o corpo com folhas e flores de urucu. O forte cheiro da seiva afasta os insetos.

Durante toda a noite, dois bugres ficam de sentinela, fumando o *pitimó*, ao redor da fogueira. Ficam de sentinela, porque estão com medo dos brancos que vêm à sua procura, conforme advertência de Luís Bugre.

Mal clareia a dia, rompem todos a caminhar, procurando se afastar sempre mais da expedição que vai no seu encalço.

Vão trepando alta serra, de cujo cimo se descortina um vale profunda, de onde sobe forte rumor de um rio. Os bugres, ouvindo o rumor, exclamam: *goio-en, goio-en*, isto é, água grande. E despencam em disparada para o rio.

Chegam e se atiram a água, tomando um banho restaurador, que lhes restitui as energias, esgotadas pela dura caminhada e pelo intenso calor do verão.

A festa na água acaba logo, porque ouve-se um grito, vindo do poço menor onde se divertem as crianças: Ariranha! Ariranha! O feroz mamífero havia abocanhado um garoto, arrastando-o ao fundo do poço.

Nadadores mergulham e conseguem arrancar das garras da fera o pobre rapaz, sangrando, mas ainda com vida. Colocado na barranca do rio, readquire os sentidos, graças ao extraordinário ritual de feiticeiro, que esgota os recursos de seus conhecimentos mágicos e medicinais.

* * *

Este caudaloso rio, que flui sempre entre montanhas, era conhecido pelos índios com o nome de *Mboaptári*. Mais tarde, foi batizado com o nome de rio das Antas pelo estancieiro João Mariano Pimentel, um dos primeiros moradores de Lagoa Vermelha, ao qual as índios coroados, em 5 de agosto de 1851, haviam assaltado a casa e raptado quatro filhos, mais tarde resgatados por parentes e policiais de Vacaria.

Agora, às margens deste rio, os bugres se demoram cerca quarenta dias, aproveitando a abundância de peixes, caças e frutas enquanto despistam a expedição chefiada pelo Delegado de Polícia de São Leopoldo.

Os peixes são tantos, que se torna fácil pescá-los, usando a armadilha trançada com cipós e taquaras. Formam um canal pedras, por onde vão tocando os peixes, que acabam caindo naquele *pari*, palavra indígena que designa este processo de pesca.

Os peixes são assados sobre brasas, processo que os índios denominam *mocanga*. Usam também a *mopaca*, como fizeram para assar os bugios, enterrando-os sobre brasas.

Existe muita caça na região: antas, veados, capivaras, pacas, tatetos, porco-do-mato... O índio dá uns passos na mata e logo salta um bicho.

Bandos de marrecos, macucos, jacutingas, inhambus, pombas, papagaios. . . Frutas, como pitangas, batingas, araticuns, guabirobas, goiabas, cerejas, guabijus.

Vivem regaladamente os bugres aqui, engordando. Jacó e Lucila já bastante habituados à vida dos caingangues, gozam de saúde. Parecem índios. Apenas os distingue a roupa, uns trapos enegrecidos.

Valfrida, entretanto, definha. Vai definhando a olhos vistos. Receia morrer. Aquela vida ingrata, aquele inaudito sofrimento moral, a incerteza do futuro. Seu vestido, seu único vestido rasgado, sujo, malcheiroso. O alimento inadequado ao seu frágil organismo. Toda essa imensa tragédia vai transformando a pobre mulher num mísero trapo humano, que vai aos poucos se acabando.

Tem quase certeza que seus dias estão contados. Por isso, vende que seus filhos estão fortes como os bugres, temendo que acabem se afeiçoando aquela miserável vida de bichos, e não queiram mais voltar ao seio da civilização. Valfrida dá-lhes bons conselhos:

- Meus filhos, sede sempre honestos e virtuosos. E, um dia, se Deus quiser, voltaremos para junto do pai, em São Vendelino.



GRANDES EMOÇÕES DE JACÓ

Depois de permanecer mais de um mês acampados às margens do rio das Antas. Os bugres resolvem emigrar. Emigrar para as bandas do Sul. Onde existem moradores, os colonos alemães, de cujas plantações o caingangue anda morto de saudade.

Além de novas aventuras que aguardam, eles precisam mudar de local, precisam sair em busca de alimento, especialmente de caça, a coça que por aqui dizimaram.

Ao despontar de um belo dia, partem contentes, carregando seus fardos. Vão andando por terras acidentadas, sempre subindo e descendo morro.

Jacó, habituado àquela vida aventureira, também pula contente. Ele já aprendeu a língua dos caingangues, maneja o arco com destreza, trepa em árvores que nem macaco.

Agora ele vai ter uma grande alegria. Logo no primeiro dia de viagem. Os índios ouvem assobios e grunhidos, acompanhados de forte rumor. Era uma grande manada de coatis, que disparava e trepava nas árvores.

A um sinal do cacique, os guerreiros atiram setas. Tombam alguns coatis mortos e, atrás deles, saltam para o solo todos os outros. Todos. É uma tormenta que vem abaixo.

Os rapazes, armados de grossos cacetes, vão desferindo golpes e matando às dezenas. Jacó agarra um filhote e, com ele nas mãos, vai pedir ao cacique licença para ficar com o bichinho. O chefe caingangue meneia a cabeça, como para dizer que aquilo não seria permitido, pois os coatis devem ser todos assados juntos para a comunidade. Depois diz:

- Está bem, rapaz. Podes assá-lo.

Jacó sai contente, não por que pode assar o coati, mas porque vai cria-lo, para que seja seu companheiro. Ele sabe que o coati é um mamífero selvagem que se domestica e se afeiçoa com a maior facilidade.

Em poucos dias, o coatizinho torna-se amigo do rapaz e acompanha-o sempre. Sempre, de dia e de noite. Dormem juntos. Com aquele pelo comprido, cauda longa e felpuda. O bichinho servirá de cobertor para aquecê-lo nas noites de chuvarada e frio.

No terceiro dia, chove torrencialmente. Dia e noite, sem cessar. Os índios não se importam com a chuva. Dormem deitados no solo, recebendo no corpo nu toda aquela incrível chuvarada.

Enquanto Jacó se mete num oco de tronco, Valfrida e Lucila, sempre junto com a velha Ceji, sofrem terrivelmente o tormento da chuva, do vento e do frio.

Felizmente, no outro dia a caravana descobre uma enorme furna escavada na rocha, às margens do Burati, afluente do rio das Antas. Além do bom abrigo, há naquele rio muito peixe, com que podem matar a fome.

Por lá encontram a “erva-de-bugre”, que é uma espécie de fumo. Com gomos de taquara, os índios fabricam uns cachimbos e começam a fumar com extraordinária disposição. Jacó quer imitá-los. Arranja um cachimbo e fuma. Fuma tanto que daí a pouco se sente mal e vai ao rio tomar água, para aliviar o enjoo.

A caravana indígena demora-se dias naquela gruta, onde está ao abrigo da chuva e do frio. Pescam e caçam. Caçam antas, que é o maior animal selvagem da América do Sul.

Valfrida e Lucila, de noite, às escondidas, aproveitam para lavar o resto de sua miserável indumentária. Um dia, com ajuda de Ceji, costuram umas peles e confeccionam um traje feio e incômodo.

Mas os bugres não se importam, não reparam, não fazem troça.

Até o dia em que Ceji viver, a mãe branca e sua filha estão sob bons cuidados. Mas se ela vier a morrer que será de Valfrida? Que será de Lucila? E de Jacó?

Valfrida muitas vezes pensa no futuro. Que desejam as bugres fazer com ela e seus filhos? De uma coisa ela tem certeza. É que sua vida não irá longe. Aquele seu viver errante e desumano vai lhe alquebrando a saúde.

A este pensamento, Valfrida chora. Chora não por si, mas pelo futuro de seus filhos.

* * *

Depois de uma temporada às margens do Burati, a caravana caingangue prossegue viagem para o Sul. Galgam montanhas e depois atravessam florestas de altos pinheiros, que atapetam o solo de espinhentas grimpas.

Descendo a serrania, acampam num vale. Jacó já conquistou a confiança do cacique e tem licença de vagar sozinho pela mata, tendo apenas por companheiro o seu inseparável coati. Jacó ensinou-lhe a trepar nas árvores para colher frutas. Ele colhe para si e para o seu patrão.

Um dia o rapaz se afasta demais do acampamento. Vai longe pelo matagal desconhecido. De repente um bando de papagaios vem sentar numa figueira debaixo da qual encontram Jacó e seu coati.

Jacó lembra-se, então, do seu papagaio, o seu querido papagaio que perdeu, quando os bugres destruíram a sua casa. Ele perdeu o seu papagaio, mas agora tem outro amiguinho, o coati.

Pois, no meio daquela solidão, de repente ouve-se uma voz, uma voz espantosamente inesperada, chamando o rapaz pelo nome: Jacó!

O moço leva um grande susto, quase derrubando o coati dos braços. Escuta. Nada. Grita: Quem vem aí? Ninguém responde. Jacó dá uns passos, quando a mesma voz fazer-se ouvir: Jacó! Jacó!

Não há mais dúvida. Alguém está chamando. E daí a pouco: Jacó, tomar café. Jacó, onde está Lucila? Lucila! Lucila!

Pronto, agora está tudo esclarecido. É a voz do papagaio, o papagaio que decerto anda aí no meio do bando. O rapaz chama: Papagaio. Ó meu papagaio!

A resposta não se faz esperar. Alegre e festiva: Jacó! Jacó!

E, oh! Maravilha! O velho amiguinho alado desce voando da figueira e vai pousar na mão do garoto!...

Ninguém imagina a alegria de Jacó. É uma festa indescritível. Ambos conversam na maior camaradagem. O rapaz acaricia o papagaio, alisando-lhe as penas, com todo o carinho, com todo o amor. A ave beija-o na face, com sua grossa língua.

O coati, grudado ao ombro do menino, levanta seu comprido focinho. O papagaio vê-o, arrepiando as penas e, numa violenta cena de ciúme, avança rosnando, de bico aberto.

Jacó intervém e aparta a briga, colocando o coati sobre um galho de árvore, ali perto. O papagaio se acalma e entrega-se inteiramente as delícias da velha amizade. Encosta a cabecinha ao rosto do rapaz, falando:

- Jacó, Lucila. Tomar café, Jacó. Onde está Lucila, Jacó?

O moço tem a impressão de estar em casa, nos velhos tempos de paz e felicidade. E diz mentalmente: Como não ficarão

contentes a mãe e Lucila, agora quando volto levando-lhes o nosso querido papagaio !...

Súbito, o bando, lá na copa da figueira, rompe na algazarra e levanta voo. Imediatamente, como um raio, o papagaio escapa das mãos de Jacó, sem que houvesse alguma possibilidade de segurá-lo. Sai disparando como uma seta, indo juntar-se ao bando em fuga.

Jacó, gritando num louco desespero, deita a correr atrás. Corre, corre. Grita, grita. Tropeça e cai. Levanta-se, sempre a gritar: Papagaio, papagaio!

O rapaz ainda ouve uma vez o seu nome e o de Lucila. Depois, nada mais. Nunca mais... Ele cai ao pé de um tronco de caneleira, agarra-se a ele e chora. Chora como nunca chorou em sua vida...

De repente, uma coisa fria toca-lhe a mão. O que será? Era a focinho do coati. O coati que a havia seguido na corrida. O bichinho olha para ele como quem diz:

- Tu me desprezaste, não é? Mas eu ainda sou o teu amiguinho inseparável. O amigo que se consola sempre na solidão da floresta, no sofrimento do teu exílio.

Jacó toma-o ao colo e experimenta um grande alívio: Meu querido coati, tu és de fato meu amigo. Tu não me abandonas como o ingrato papagaio...

Regressando ao acampamento, Jacó narra à mãe e a Lucila o aparecimento do papagaio. Elas se alegram, dizendo que aquele lugar não deve ficar longe de São Vendelino. Animam-se, então, à esperança de obter finalmente a liberdade.

De noite, Jacó sonha com o seu papagaio. De manhã, lá vai outra vez para junto da figueira, na tentativa de reencontrar a palradora ave. O coati vai junto. Caminham. Jacó escuta, chama.

Nada. Há ali perto um coqueiro carregado de coquinhos maduros. O coaitrepa num instante. Mas de repente arrepia o pelo, assustado. O que será? Jacó trepa numa árvore perto e vê, então, sobre o coqueiro uma feia jararaca. Com um galho, vibra-lhe uma paulada, derrubando a cobra ao solo.

O coati salta para os ombros do rapaz, e os dois, lá no alto da árvore, observam, surpresos e felizes, que um lagarto chega e desfere quatro valentes rabanadas, matando a serpente, lá debaixo do coqueiro.

É mais um bom assunto para entreter a mãe e a mana. Jacó enche a sacola de coquinhos maduros e retorna ao acampamento.

Está lá contando à mãe e à maninha o que acabara de presenciar, quando chegam dois bugres carregando fardos de espigas de milho verde. Os bugres pulam contentes, exclamando: *avati! avati!*

Mais contente está Valfrida, porque o milho lhe diz que os colonos, os donos do milho, estão por aí perto. Pois é, São Vendelino deve estar por aquelas bandas.

O TIGRE

Passados alguns dias, a tribo parte para mais uma jornada. Sempre através da mata montanhosa. Chegam a um local de muita tabatinga. Esta fruta atrai bandos de tucanos, de peito amarelo e bico descomunal.

Os índios abatem-nos a flechadas. Comem a carne e enfeitam-se com as penas. Uns cortam a ave pelo meio, retiram a carne, e, com a pele colorida do peito, formam um capacete bizarro. Com ele na cabeça, parecem fantasmas.

Agora, ao longe, em vasta planície, avistam-se manadas de gado, pastando. Cresce, então, em Valfrida a ânsia de liberdade. Entretanto, os bugres não se aproximam dos rebanhos. Dão uma grande volta, até atingir a orla do campo.

Acampam. Jacó e um companheiro indígena, arco a tiracolo, vão caçar pacas. Acendem fogo na boca da toca. Tapam com pedras a outra toca próxima. O calor e a fumaça fazem espirrar o animal, que Jacó mata com certa flechada. Caçam outro exemplar, que vão carregando às costas. Carne das mais apreciadas, a carne de paca.

No dia seguinte, a caravana segue andando e para as margens do rio Maratá, já na região da colônia alemã. Valfrida pensa outra vez na fuga. Para ela não é fácil fugir. Fácil mesmo seria para o Jacó. Mas ele nunca fugirá, deixando a mãe e a mana a mercê dos bugres. O remédio e aguardar melhor oportunidade.

Os índios vão pescar. Há muito peixe naquele rio. E existe lá o cipó-timbó, com que se pesca facilmente, amassando as folhas e o cipó, e deitando-os à água.

Em poucos minutos, o poço está coalhado de dourados, jundiás, traíras, grumatãs, pintados, piavas... Tanto peixe, é claro, não pode ser comido logo. Para sua conservação, utilizam o *piricuí*: cozinham o peixe, secam ao sol e pulverizam. Guardam a farinha de peixe em grandes folhas. É uma excelente provisão, que dura indefinidamente.

O peixe fica mais saboroso se comido com aipim. A mandioca está ali perto, na roça do colono. Vão buscar. Mas, na segunda noite, retornando à lavoura, os bugres tem uma desagradável surpresa. Um índio, tropeçando numa armadilha preparada pelos colonos, provoca uma explosão e cai ferido. Imediatamente, perto da casa do agricultor, rompe a gritaria e o latir da cachorrada...

Agora, no acampamento, diante do rapaz ferido, os bugres, fúrios de raiva, querem vingança. Vingança contra os brancos. Se a velha Ceji não defendesse Valfrida e seus filhos, os índios teriam matado os três.

Querem, então, arrasar a casa do colono causador da tragédia. Com setas envenenadas com carne de preá em decomposição, lá vão de noite. Mas o colono sabe que os caingangues querem vingança. Por isso, toda a família se retira para a casa do vizinho.

Noite escura. Os índios vão se aproximando lentamente, cautelosamente. Encontram a casa aberta. Pela porta, coa-se a claridade de um lampião. Um gatinho lambe a patinha deitado numa cadeira. Na parede interior, um grande relógio faz tique-taque, tique-taque.

De repente, o relógio bate onze horas, alarmando a bugrada, que dispara. Mas retorna daí a pouco. Já estão lá, entrando em casa, quando no milharal explode a gritaria, tiros de espingarda e latir de cachorros.

O barulho dos selvagens em debandada mais parece o tropel do estouro da boiada. Num instante chegam ao acampamento. Chegam botando os bofes e transfundindo o pavor a todos:

- Embora! Vamos embora, que os brancos vêm aí.

Todos, homens, mulheres e crianças, sem uma queixa, sem um gemido, deitam a correr morro acima. Andam a noite inteira, chegando de manhã ao alto da montanha, na região dos pinheirais.

O pinhão principia a amadurecer e a debulhar. Durante cinco meses, ele torna-se o alimento cotidiano do caingangue. Pelos meses de abril a julho, o chão se transforma num imenso tapete vermelho de pinhão maduro que debulha e cai. Índios, queixadas, pacas e todos os roedores engordam durante a temporada do pinhão.

Os índios comem sapecado na brasa. Comem tanto que, por vezes, chegam a sofrer uma enfermidade cutânea, afetando especialmente o rosto.

* * *

Lá no alto da serra, Jacó, no dia seguinte, assiste a um espetáculo inédito. Vai assistir a uma luta entre o índio e a onça.

O rapaz ouve um grito - jaguar! jaguar! No mesmo instante. Os homens e rapazes, de arma em punho, vão correndo para o lugar de onde chegam os esturros da fera.

O tigre lá está devorando com calma um porco-do-mato. Olha a turma de esquelha, rosna e continua comendo. A um grito do cacique, o jaguar se põe de pé. Belo animal, pelo malhado, quase dois metros de comprimento. Tremem os lábios. A cauda fustiga as ancas.

O cacique desfere a primeira seta. Mal se ouve o baque da flecha no crânio da fera, salta a onça num pulo fulminante, atirando-se sobre o grupo de índios e rasgando o ventre de um deles.

Tudo ocorreu num instante, sem que houvesse qualquer possibilidade de defesa. O tigre sumiu e os índios transportam o companheiro ferido para o acampamento.

Ceji, Valfrida e demais mulheres procuram consolar a esposa do infelizmente homem. Mas é preciso matar o tigre. É vingança que se impõe. Os índios empreendem a batida através do pinhal e, depois, numa depressão de terreno, entre rochedos. O jaguar acoitara-se lá em pequena fuma, por trás de emaranhado cipóal.

Toropu, um jovem guerreiro que traz ao pescoço um colar de dentes de feras por ele abatidas, diz ao cacique:

- Chefe, dá licença de pegar o tigre a unha?

À resposta afirmativa do morubixaba, o valente caçador aproxima-se do paredão. Escuda-se no tronco de um angico. Depõe o arco e as flechas. Com as mãos abre a ramada e seu olhar se cruza com os olhos do jaguar. São dois olhos selvagens, que chispam.

O índio solta um grito provocador. O pé esquerdo apoiado por trás no tronco da árvore, o corpo inclinado para a frente, as mãos à altura do peito, crava nos olhos da fera o punhal de seu olhar.

É um olhar terrível. Não fosse aquele olhar, o tigre já teria pulado sobre o índio. Hesita, meneia o corpo, olha para o lado como em busca de cancha para a fuga.

Antes que o jaguar se levante para fugir, os bugres, a um sinal do cacique, despejam sobre ele uma chuva de setas. Ferido, o tigre atira-se contra Toropu, que se defende desferindo violento

golpe de tangapema na cabeça do animal. Por fim, uma flecha no ouvido, desferida por outro bugre, põe termo à vida do jaguar, que se agita, escarvando o solo nos estertores da agonia.

Quando os índios chegaram ao acampamento, carregando o troféu do seu combate vitorioso, o índio ferido pela onça já está morto. Todos gritam, choram, deitam ao solo, esmigalham a cabeça do felino proferindo impropérios...

A pele da fera cabe à viúva do guerreiro morto. A carne é assada e comida. Todos comem dela, crenes de que lhes dará vigor e valentia.

O cadáver do índio é sepultado ali perto, com dança fúnebre, ao som do *napi* e do *nambi*, uma flauta fabricada com tibia de inimigo vencido.

RETORNO A TABA

A tribo demora-se dias no mesmo lugar, pois aqui não existe problema de alimentação, em virtude da grande abundância de pinhão.

Jacó sai para o interior da selva em companhia de índios de sua idade. Saem junto à procura de mel. Sofrem com as picadas de abelhas, mas sempre conseguem, mediante fogueira, extrair numerosos favos de mel. Comem e levam para o acampamento.

Para conservação do mel, espremem os favos em balaies recamados de cera. Os balaies são fabricados com certo cipó resistente. Na falta de balaio, servem-se de gomos de taquaruçu.

Um dia. Jacó andando longe do acampamento com dois companheiros, distancia-se deles, acabando por perder o rumo.



Anda horas extraviado. Vai senão quando. Ouve uma explosão. Um tiro de espingarda.

Deita a correr em direção do local do tiro, na esperança de encontrar algum civilizado, quem sabe, um colono. Vai correndo e gritando: Alô, gente! Alô, socorro!

Silêncio. Nenhuma resposta. Nenhum rumor. Prossegue na corrida, até que ouve cachorros latindo. Anda mais um pouco e depara um veado ferido, sangrando. O rapaz reconhece naquele pobre animal o seu veado doméstico, a sua querida Lenga.

Cai ao seu lado. Abraça-o, numa festa indescritível. Está a morrer o pobre bichinho.

- Lenga do coração, quem foi que te feriu? Garanto que foi o malvado do Luís Bugre.

O veado solta um balido e morre. Morre nos braços do garoto. Jacó não pode conter as lágrimas. Lá está chorando, abraçado na Lenga, quando se aproxima um caçador de espingarda no mão e cercado por vários cães. É ele, Luís Bugre.

- Ó rapaz branco! Como vir parar aqui? Rapaz valer nada. Voltar já bugres. Já,..... senão te matar.

E Luís aponta a espingarda para Jacó, que se afasta de costas. Tremendo, apavorado. Luís, então, puxa da faca e começa a carnear o veado. O rapaz aproveita para se afastar, pondo-se a salvo da ameaça.

Lá adiante reencontra o seu coati, que se havia escondido, providencialmente.

Não é fácil encontrar o acampamento. Jacó caminha todo o resto do dia. Ao anoitecer, amontoa folhas secas, e, naquela cama improvisada, passa a noite em companhia do coati.

De manhã, após breve caminhada, chega, enfim, ao acampamento, onde a mãe e Lucila choravam a sua ausência.

* * *

Os índios, por boca de Luís Bugre, tiveram agora conhecimento do regresso da expedição oficial que os perseguia. Não havia mais perigo algum. O Delegado de polícia - esclareceu Luís Bugre - perdendo a esperança de resgatar Valfrida e seus filhos, suspendera as buscas. Por isso, a tribo pode, finalmente, regressar à sua taba, da qual anda longe há dois ciclos lunares.

Alguns dias de viagem. Gritos de alegria saúdam a vista do campestre onde se erguia a sua aldeia. O local é o mesmo. No mato, perto. Ainda estão amontoados os postes. Até as escadas de subir aos pinheiros para a caça dos papagaios encontram-se no seu lugar.

Em poucos dias de trabalho, a taba toma a ocupar o terreiro, erguendo suas ocas em forma de pirâmide. Fica pronta bem a tempo, pois o inverno vem chegando, com o rigor do frio, das geadas, das nevadas.

E a vida estável dos coroados recomeça, como também de Valfrida e seus filhos. Para enfrentar os rigores do inverno, as mulheres tecem rudes vestidos de urtigão para Valfrida e Lucila.

Dias após, nasce uma criança de sexo feminino, que, logo ao nascer, e lavada na água fria do arroio e em seguida colocada perto do fogo, dentro da oca. Infelizmente, a criança morre. Mais tarde nasce outra criança, agora de sexo masculino. É mais forte e consegue sobreviver.

Poucas são as crianças de sexo feminino que conseguem sobreviver. O banho frio do recém-nascido é a causa da morte. Salvam-se apenas trinta por cento. Por isso é que os homens da

tribo caingangue são setenta por cento mais numerosos que as mulheres

Ceji e as outras mulheres tomam conta do menino recém-nascido. A mãe só fica com ele na hora de amamentar. Ceji depois entrega a criança ao cacique e pede que lhe dê um nome.

O cacique olha o garoto, fica pensando e diz: *Cachangoel*, que significa *voz do porco caminhando pelamata*. A criança vai passando pelas mãos de todas as mulheres, que repetem o nome com que acaba de ser batizada.

Valfrida aprendeu das mulheres da tribo um remédio providencial, remédio que os civilizados ainda desconhecem. Remédio para suspender a menstruação. Agarram as folhas de um cipó, esmagam na mão e tomam o sumo com um pouco de água fria.

É remédio que não falha e que todas as moças e mulheres caingangues tomam, sem que haja perigo de impedir a gravidez. Valfrida dá graças a Deus, diante desta descoberta sensacional. Maravilhosa descoberta, de que ela também se beneficia, ela que vive naquela incrível penúria de vestuário.

As mulheres da tribo não usam traje algum, nem sequer tanga. Valfrida pode observar que as mulheres, depois do primeiro parto, têm os seios pendentes sobre o ventre. Com um comprimento de mais de 30 centímetros. Elas rapam a cabeça, deixando apenas um punhado de cabelos na nuca, caindo em trança pelas costas.

Valfrida observa ainda como os homens da tribo cortam o cabelo em forma de coroa. Servem-se de talos de taquara madura e rachada. A quina da taquara rachada corta como navalha, devido à resistência e rigidez da casca exterior.

Nos primeiros meses após o assalto à casa de Lamberto, os caingangues cortavam o cabelo com a tesoura furtada. Mas a

tesoura, certamente, foi extraviada durante as longas incursões pela floresta.

A GUERRA

Rolam os dias, os meses rolam na taba, sem maiores novidades, sem grandes emoções. Apenas, de vez em quando, quebra a rotina uma briga de mulheres. Por qualquer motivo, atacam-se duas delas, entrando em luta corporal, sob os aplausos e gargalhadas gerais.

Agarram-se, rolam pelo chão, mordem-se, esmurram-se. Por fim, cansada ou vencida, uma delas e, às vezes, as duas, entregam-se, sem maiores consequências.

Com exceção das caçadas e pescarias, não existe outro trabalho de monta. A tribo vive ociosa, numa deprimente moleza danosa.

O cacique sabe que esta falta de emoções e ocupação levava a tribo à desgraça. É necessário providenciar um meio de sacudir o torpor, de acordar energias, de provocar atitudes heróicas.

O meio é a guerra. Guerra contra quem? Ora, contra os próprios caingangues, os caingangues do Norte. Já em 1864 a tribo lutou contra a tribo dos coroados do Norte, do Alto Uruguai.

Aquela guerra dividiu os coroados do Nordeste do atual Estado do Rio Grande do Sul em dois grupos antagonicos. Nunca mais se reconciliaram. As hostilidades nunca mais cessaram entre as duas facções.

Ainda há cerca de um ano, num combate, o cacique do Norte raptou uma filha do cacique do Sul. Chegou a hora da vingança e do resgate da filha.



A notícia do novo encontro bélico acende os ânimos. Todos pulam, numa vibração incrível. E durante vários dias executam ensaios de combate, de duelos simulados.

O cacique discursa para os vinte guerreiros escolhidos para a luta. As palavras do chefe indígena são recebidos com fortes aplausos.

Enquanto os homens preparam arcos, flechas e tacapes, as mulheres providenciam as provisões para a longa viagem.

Na manhã de um belo dia, partem os combatentes, ao som da orquestra e aos gritos festivos de toda a tribo. Sempre respondendo aos gritos dos que ficam, os guerreiros somem-se no labirinto da selva. Por fim, o silêncio torna a reinar.

* * *

Dez dias de marcha, primeiro através da mata, depois cortando os campos. Os campos estão povoados. Há fazendas aqui e acolá. Pastam rebanhos de gado vacum e cavalari.

A fim de evitar um eventual encontro com os moradores brancos, os guerreiros coroados cruzam os campos durante a noite, parando de dia nos capões e restingas de mato, existentes em numerosos pontos da imensa campanha gaúcha.

Enfim atingem a grande floresta do Alto Uruguai, inteiramente desabitada. Os colonizadores brancos ainda não principiaram a ocupar aquela vasta e rica região, hoje dividida em muitas dezenas de prósperos municípios.

Os únicos habitantes daquelas selvas são os índios coroados. A tribo de coroados com quem os caingangues das matas do rio das Antas querem entrar em luta.

Os vinte guerreiros chegam de dia às proximidades da taba. À meia-noite, quando todos dormem nas ocas, acontece o assalto.

Luta horrível. Entrechoque de tangapemas, rachando cabeças, fazendo correr o sangue. Morrem nove caingangues do Norte e apenas três guerreiros do Sul.

O cacique sulino procura sua filha na escuridão da noite. Por fim, descobre uma mulher escondida atrás de um tronco de sapopema. Vai agarrá-la, mas surge um índio a defendê-la.

Trava-se, então, a luta entre ambos. Com certo golpe de tacape, o cacique fere mortalmente o adversário. Agarra a mulher e sai com ela, gritando para seus soldados que cessem o combate.

Retiram-se para longe da taba. Vão andando todo o resto da noite. De manhã, com a maior surpresa, observam que a mulher raptada não é a jovem filha do cacique, mas a esposa do cacique do Norte. Não faz mal. Esta passará agora a ser escrava do cacique do Sul.

* * *

É extraordinária a alegria na taba dos coroados das matas do rio das Antas, quando chega a expedição guerreira, trazendo como troféu da vitória a esposa do cacique inimigo.

Há vibração, mas também inquietação na taba. Inquietam-se os coroados porque sabem que os caingangues vencidos virão sem demora resgatar a esposa do seu cacique. Haverá, então, outra guerra sangrenta.

Imediatamente iniciam-se os preparativos de defesa. Constroem uma trincheira de ocas em redor da taba. De noite, sentinelas rondam as vizinhanças. Todos dormem com arma ao lado.

Luís Bugre, em seus vários encontros com os índios, vendeu uma poderosa arma que os coroados do Norte certamente desconhecem. São as facas afiadas. Esta arma tranquiliza a tribo acerca da certeza da vitória.

Volvido um ciclo lunar, uma noite ouve-se um grito – *hoiju, hoiju, hoiju*. É o grito de alarma do sentinela. Inimigo à vista.

Num instante, a taba está em pé de guerra. Ao longe, soa o grito provocador do inimigo. Divididos em grupos, daí a pouco, os nortistas se arremessam impetuosamente contra a trincheira de ocas.

Terrível entrevero. Os digladiantes lutam com heróico denodo, sem medo algum da morte. Em breve, as casas indígenas começam a arder. Incêndio fulminante, pavoroso.

Os coroados do Norte são muito numerosos. Trazem cães amestrados, que se atiram as costas do inimigo, derrubando-o.

A vitória dos nortistas parece iminente. Vai senão quando, os rapazes do Sul, empunhando longas faças afiadas, entram a destripar homens e cachorros, provocando horrível carnificina.

Os nortistas são obrigados a recuar. Recuam, convencidos de que os sulinos lançaram mão de uma força sobrenatural, contra a qual não é possível resistir.

Mas o fogo prossegue devorando todas as casas, desalojando mulheres e crianças, que ficam expostas ao perigo da guerra.

Quando o sol desponta, apresentando uma cena dantesca, observam-se homens e cães mortos. Há mortos de ambos os lados.

Agora, uma trégua. Os caciques estão indecisos. Finalmente, o cacique do Sul apresenta uma proposta: uma luta singular, um duelo entre um representante de cada facção beligerante.

O emissário, tendo na mão a flecha quebrada, em sinal de paz, fala com o cacique do Norte, que já se encontra de posse de sua esposa, resgatada em dramática façanha.

- Aceito - responde o cacique - mas exijo um guerreiro como refém.

Valfrida e Lucila levam um grande susto, quando o cacique propõe entregar Jacó como refém.

No entanto. O cacique do Norte, reconhecendo tratar-se de um branco, não aceita a proposta. Um filho do cacique vai então em seu lugar.

O duelo vai ferir-se sobre as cinzas da taba destruída. Quem vai enfrentar o adversário do Norte é o próprio cacique do Sul.

Tudo pronto. Os dois contendores vão para o centro da arena. A multidão vibra. Expectativa eletrizante.

Rufa o tambor. Os duelistas miram-se nos olhos em chama. Soltam um grito e começa o entrechoque das clavas.

Luta feroz, indecisa, sob fortes aclamações da turba em delírio.

De repente, o guerreiro do Norte vibra violenta cabeçada no ventre do cacique, que tomba ao solo, derrubando a clava.

Agora, ambos desarmados, atacam-se em luta corporal. Combate romano que se prolonga. A princípio o cacique leva a pior, mas depois vai dominando o adversário.

Domina-o inteiramente, com seus fortes braços, neutralizando qualquer movimento do representante do Norte.

- Vitória! - exclama a tribo do Sul.

Envergonhados, os nortistas se retiram.

Os cadáveres são enterrados em duas valas. Uma para os do Norte. Outra para os do Sul.

O MARTÍRIO

Os coroados do Norte, ao fugir, despejam uma saraivada de setas contra seus adversários, atingindo e matando crianças e mulheres. Entre as várias mulheres mortas, encontra-se a velha Ceji. O bondoso anjo-da-guarda de Valfrida. Jacó perdeu o seu amiguinho, o seu querido coati.

Todavia, a perda do seu companheiro nada representa diante de outra perda, que em breve terá de lamentar. A mais cruel e irreparável perda. Uma desgraça sem igual.

Valfrida encontra-se agora a mercê dos bugres. Que a maltratam. Recebe maus tratos, insultos por parte das mulheres. O cacique, por sua vez, faz a mulher branca uma incrível proposta. Quer que Valfrida seja sua esposa, ao lado de outras mulheres que formam o seu harém.

É claro, Valfrida, de forma alguma pode aceitar semelhante convite. Ela é mulher honrada, de uma fidelidade a toda a prova, embora viva longe do seu marido.

O cacique, diante da recusa, resolve vingar-se. Para ele, agora que não existe Ceji, torna-se fácil a vingança. Vai aguardar apenas uma oportunidade para executar o sinistro plano.

Um dia, os caçadores partem para uma longa jornada. Jacó integra o pequeno grupo e afunda na mata.

Naquele mesmo dia, desaba violento temporal, seguido de frio intenso. As mulheres tentam apoderar-se dos trajes com que Valfrida e Lucila se defendem do frio. Impedem ainda que as duas se aproximem do fogo. Fazem-lhes mil desaforos.

É uma noite de agonia para a pobre mulher branca. Noite de febre e de tosse. A filha, aflita, pede ajuda as outras mulheres, mas é repelida com zombarias, insultos e maus tratos.

Se estivesse presente Jacó... Valfrida sente que vai morrer. Morrer longe até do seu filho. Morrer sem poder realizar seu sonho de liberdade.

A fim de poder fugir, ela suportara com otimismo toda aquela vida dura, procurando sempre ser agradável aos bugres. . .

Agora é tarde. Pensa nos filhos. Que será deles se eu morrer?

- Lucila - geme ela nos braços da filha. - Jacó ainda não voltou?

- Não, mãe.

Tenho uma coisa importante a dizer-lhe.

- O que é, mãe? Conte para mim.

- Mas escute, filha. Eu ouvi cachorros latindo.

- Não, mãe. Não são cachorros. São aves. Conte, sim?

- Lucila querida, já fazquase um ano que estamos entre os bugres. Você cresceu muito. Está ficando moça. Os bugres decerto quererão que você case com um rapaz deles.

- Que horror! Não, mãe, isso não.

- Pois imagine que até o cacique queria casar comigo.

- Deus nos livre!

- Jacó também terá de casar com uma bugra.

- Mamãe, não fale assim. Que desgraça!

- Sim, uma desgraça. Uma grande desgraça. Para evitar esta desgraça, o único meio seria a fuga. Mas fugir como? Eu estou quase morrendo, filha.

- Não, mãe, a senhora vai ficar logo boa. Se Deus quiser. E, então iremos embora.

- Sim, Lucila. Deus te ouça. Até agora nunca foi possível. Ceji vigiava todos os nossos passos. Agora que ela não existe, agora que o cacique tenta casar comigo, agora que os bugres nos maltratam, vamos fugir. Guiar-nos-emos pelo sol.

- Pois é, mãe. Jacó é bom caçador. Saberá procurar-nos comida durante a viagem.

O diálogo entre mãe e filha prossegue animado. Valfrida chega mesmo a sentir-se melhor. A ideia da fuga dá-lhe saúde e forças.

Súbito, parece ouvir outra vez o latir de cães. Mas Lucila a tranquiliza:

- São aves que imitam com o canto o latir dos cachorros.

Mas Valfrida não se engana. Anda aí alguém com uma matilha de cães. É Luís Bugre.

- Mãe, vamos rezar para que a senhora fique boa e dentro de alguns dias estaremos em São Vendelino.

- Sim, filha, dentro de alguns dias poderemos estar salvos, longe dos bugres, nos braços do papai...

Naquele instante, as duas ouvem, como fulminadas por um raio, uma fala misteriosa, fanhosa, em alemão. Ali perto, atrás das árvores. Diz a voz:

- Ou nas garras do demônio!

Estarrecidas, mudas de pavor, olham. Levantam-se. Quem estaria ali falando em sua língua? Os bugres não falam alemão. Só Luís Bugre.

Levantam-se a muão custo e vão para o terreiro, onde o mistério se desvanece. Diante do cacique está um homem vestido como os civilizados. Está lá falando, gesticulando e apontando para o local onde antes se encontravam Valfrida e Lucila.

É ele, Luís Bugre. Lá está a matilha de cães. Decerto ele ouviu o diálogo das duas mulheres e agora está relatando tudo ao cacique. Está relatando que ele ouviu de sua boca, a proposta da fuga.

É inacreditável o que agora vai se seguir. Passados poucos minutos, seis guerreiros avançam para o centro do terreiro. Armados de arco e flechas. Param. Olham. De repente, um deles exclama:

- *Unteté*- aí está a mulher.

Dirigem-se para Valfrida, que treme apavorada. Um deles bate-lhe no ombro, dizendo rispidamente: *Entoctin*- vem.

Ela, apavorada, não se move. O bugre agarra-a pelo braço, brutalmente. Levanta-a do solo e a vai empurrando.

- Mamãe, mamãe! - grita Lucila, tentando segurá-la, mas recebe violento soco do índio, caindo ao solo. Levanta-se e vai correndo atrás da mãe, que está sendo arrastada para dentro do mato. A menina é repelida a pontapés, a socos e pedradas. Ela perde os sentidos, ficando estendida no terreno.

Valfrida, levada para o interior da selva, recebe açoites nos braços, na cabeça, no peito. Jorra o sangue. Ela geme: Jacó, Lucila! Meus filhos, meus pobres filhos!

A seguir cai, desfalecida. Os bugres levantam-na e a amarraram a um tronco de pinheiro. Postam-se a uns 30 metros de distância, de onde desferem contra ela seis flechas, deixando-a sem vida, pendente da corda com que está amarrada. Varam-lhe o corpo

com outras setas e, por fim, abrem uma cova e sepultam o seu cadáver.

Lucila, recobrados os sentidos, vai-se arrastando para perto do local da tragédia e chega a tempo de assistir, escondida, ao final do martírio de sua querida mãe.

Retiram-se os bugres e ela vai cautelosa, caindo debruçada sobre a sepultura, a chorar:

- Mãe! Ó mãe! Ah, minha querida mãe!

Chorando num desespero incrível, procura remover a terra que cobre o corpo da mãe. Por fim, literalmente prostrada pela dor, pelo cansaço, pela fraqueza e pela fome, permanece deitada, de braços abertos sobre a terra removida. Entra numa espécie de torpor e adormece.

* * *

Jacó regressa carregado de frutas e palmitos. Ao chegar no terreiro, busca descobrir a mãe e a irmãzinha. Pergunta a uma velha, que lhe responde com grosseria, dizendo não saber de nada.

As outras mulheres só sabem encolher os ombros, com desprezo.

Enfim, uma garota, aponta com o dedo a mata, dizendo:

- *Norma cucheti*- dormem frias.

Jacó apavora-se:

- *Lenglé?* - as duas?

- *Cofá* - a velha. *Chimissingdaine*- a pequena não.

O rapaz agradece a menina com um punhado de frutas. Todas as outras mulheres estendem-lhe agora a mão pedindo frutas.

Jacó dá-lhes as costas e sai correndo, em busca de Lucila.

- Lucila! Lucila! - grita, desesperado.

A irmãzinha acorda num sobressalto. Que foi? Será sonho? Levanta-se. Olha em derredor. A voz repete: Lucila! Mãe!

Ela não tem dúvida: É o Jacó:

- Aqui, Jacó. Estou aqui.

Encontram-se, enfim. A menina atira-se-lhe aos braços, chorando, aos gritos. Jacó aperta-a fortemente contra o peito:

- Que é isso, Lucila? E a mãe? Onde está a mãe?

A menina, ainda mais sufocada pelo pranto, não pode falar. Com a mãozinha trêmula, aponta para o montículo de terra da sepultura.

Jacó adivinha tudo, num relance. Debaixo daquela terra recentemente amontoada e remexida jaz sepultada a sua mãe.

A dor toma conta do rapaz. O pranto explode em catadupas. Abraçado na maninha, cai sobre a sepultura, misturando suas lágrimas e gritos com as lágrimas e gritos de Lucila.

É uma cena pungente que ninguém contempla. Apenas a selva. Apenas a selva assiste ao desespero dos irmãozinhos órfãos, abraçados, a chorar, a chorar.

Longos minutos permanecem abraçados, sempre chorando. Choram a perda da sua mãezinha, da mãe que viveu tanto tempo sofrendo por eles. A mãe heróica, a mãe incomparável, que durante dez meses encobriu sob a capa do otimismo sua imensa desventura. Tudo por amor deles, para que os filhos pudessem libertar-se das garras dos selvagens e voltar ao seio da civilização.

Aos poucos, Jacó se refaz do terrível abalo, enxuga as lágrimas e consegue desatar a língua. Pergunta, então, o que

aconteceu. Lucila, com a voz sacudida de soluços, vai relatando a horrível tragédia. E depois pergunta:

- E agora, Jacó, que faremos?

- Ah, Lucila, se você estivesse forte, nos fugiríamos ainda agora.

Pois é, estou quase morrendo de fraqueza e de fome.

- Tome aqui estas frutas, mana. Coitada, você não come há dois dias, não é?

- Jacó e se você fugisse sozinho, hein?

- Não, Lucila. Nunca, Nunca fugirei sem você. Nunca deixarei você sozinha entre os bugres. Quantas vezes a mãe recomendou.

- Mas, Jacó, eu sinto que não aguentarei muito tempo.

- Não fale, assim, Lucila. Você ficará logo forte e então fugiremos juntos. Coragem!

Abraçados, conversam os dois pobres órfãozinhos. Até que de repente, um rumor entre a ramada e surge um bugre de clava na mão e olhar severo. Olha para os dois e passa sem dizer palavra.

- Lucila, voltemos ao acampamento. Os bugres podem suspeitar que a gente queira fugir agora.

Levantam-se e caminham lentamente.

- Lucila, seja sempre boazinha com todos. Sempre atenciosa e serviçal, como recomendava a mãe.

- Assim farei, Jacó.



LUCILA DESAPARECE

Os caingangues, para despistar os coroados do Norte, resolvem emigrar, deixando de reconstruir a taba destruída durante a guerra. Resolvem emigrar para as margens do rio das Antas, do qual já estão com saudades.

Lucila, depois da morte da mãe, passou a servir de escrava na oca do cacique. Aqui ela é maltratada pelos filhos de chefe indígena.

Jacó lamenta abandonar o local, que não fica longe de São Vendelino. Agora, as margens do grande rio, será, certamente, difícil empreender a fuga, juntamente com a irmãzinha.

Lucila tornou-se escrava. Agora, nos cinco dias de viagem, ela é obrigada a carregar pesados fardos, transportando a mudança da família do cacique. Um enorme sofrimento para a frágil garota!

Chegando ao rio, escolhem o local da nova taba. Derrubam as árvores, queimando as raízes. Vão queimando as raízes e o tronco, até que a árvore tomba.

A construção da taba obedece agora a nova linha de arquitetura, inspirada nos ranchos abandonados de caboclos, que os caingangues viram por ocasião de sua incursão pelo Norte. Paredes de pranchas e troncos, recamadas de barro por dentro e por fora.

Em poucas semanas, constroem as casas em forma de círculo, formando o terreiro no centro. Todos entram em atividade, caçando, pescando, colhendo frutas.



Jacó não perde tempo. Toma parte em todas as caçadas. Anda por todos os cantos, executando completo levantamento, visando a descoberta do caminho para a fuga.

Rolam os dias. Rolam as semanas, os meses. Um inverno. Um verão. Outro inverno. Jacó é um forte rapaz de seus quinze anos. É mais forte que todos os rapazes da tribo.

Um dia de primavera, quando os ipês espalham estrelas pelo chão, Jacó, perseguindo um veado, afunda no dédalo da selva. Chega a uma região pantanosa, com vestígios de aproximação de campo. E, pelo chão, maravilha! Sinais de gado. Sim, as vacas haviam deixado em chão arenoso e barrento o sinal de suas patas bipartidas.

Jacó sorri ao pensamento da proximidade de alguma fazenda, do proprietário daquele gado cujas pegadas acaba de descobrir. Estou salvo. Eu e Lucila. Chegou a hora.

Propõe aos companheiros pernoitar por lá. Eles concordam. Mas no dia seguinte não concordam em ir mais longe. Não importa. Ele já viu bem o local. Marcou-o com a presença de certas árvores, pedras, sangas. É fácil. Basta seguir a direção das pegadas das reses. Elas o levarão à fazenda.

Na aldeia dos caingangues, Jacó vai à procura de Lucila. Está ansioso por contar-lhe a novidade e marcar a hora da fuga. Ela está lá dentro da oca do cacique: o irmão evita chamá-la, para não despertar atenção dos bugres.

Começa, então, a cantarolar uma de suas canções. Imediatamente, sai Lucila, seguida dos filhos do morubixaba. Eles riem-se, fazendo troça. Jacó indigna-se. Faz sinal para Lucila e diz-lhe em alemão, língua que os bugres não entendem:

- Encontrei o caminho para a fuga. Você vem?

Ela, sorrindo, inclina a cabeça, afirmativamente. E ele:



- Hoje de noite, espero-te na barranca do rio, perto da cabriúva grande? Certo?

- Certo, Jacó.

- Se te perguntarem o que disse, responda que te contei a descoberta de uma cerejeira carregadinha de frutas, ainda verdes.

Linda noite de luar. Noite amena de primavera. Quase todos os bugres dormem fora das ocas, ao relento. Na oca do cacique, apenas mulheres e crianças.

Lucila não dorme. Sai do rancho. Fora, os bugres dormem, ressonando. Ela passa silenciosamente, cautelosamente, por entre os corpos dormentes: Súbito, estala um graveto sob os pés. Ela para, tremendo. Parece que ninguém acordou. Mais uns passos tímidos e depois, apressados.

Ao pé da cabriúva grande, encontra-se com o mano, que o aguardava impaciente. Abraçam-se felizes. Jacó lhe fala baixinho. Dá-lhe frutas para que se alimente e possa aguentar na longa e penosa marcha da fuga.

Amanhã, Lucila, estaremos em casa.

- Que maravilha, Jacó!

- Dá cá a mão. Vamos.

Partem radiantes, felizes. Mas a felicidade dura apenas um minuto. Dão quatro passos, e o demônio cai sobre eles com suas garras infernais. É o cacique, que lhe ferra as mãos fortemente nos ombros, gritando:

- Patifes!

Eles soltam um grito de pavor, caindo ao solo sem sentidos. A dor e o susto foram tão intensos, que o rapaz perdeu os sentidos... Quando, daí a pouco, volta a si, não encontra mais



Lucila. Está sozinho, sob o palor do luar. Sente ainda forte dor no ombro. Jaz cansado e com sono. Passa o resto da noite ali mesmo.

Dorme e sonha. Sonha com a fuga, perseguido pelos bugres. Por fim, o cacique Ihe dá uma tremenda cacetada na cabeça e ele acorda com um grito.

O inhambu apita anunciando o novo dia que desponta. Na taba, há rumores estranhos. De repente, ouve uma voz, a voz de Lucila:

- Jacó! Jacó!

Ao ouvir aquele grito angustiante da irmãzinha, Jacó tem um pensamento sinistro, que Ihe corta o coração. Algo de grave deve ter acontecido a Lucila.

Ainda não é bem dia. Jacó aproxima-se da taba, onde reina o silêncio. Os bugres dormem ao relento. No rancho do cacique geme uma criança.

Jacó retira-se. Quando o sol desponta, vai em busca da maninha. Os bugres agora são atenciosos para com ele. Todos muito atenciosos. O próprio cacique Ihe fala com bondade e o manda caçar com um grupo de jovens.

Ele vai, mas vai preocupado, pensando na sua irmã. Que terá acontecido a ela? De tarde, ao regressar da caça, oferece frutas a uma filha do cacique e pergunta:

- Onde está Lucila?

- Foi embora.

- Para onde?

- Não sei. Três homens a levaram.

Ela foi de boa vontade?

- Não. Ela gritou duas vezes: Jacó! Jacó!



- Você sabe quando ela volta?
- A mãe disse que nunca mais.

O rapaz retira-se para chorar. Tem quase certeza que aconteceu para Lucila o mesmo trágico destino da mãe.

No dia seguinte, Jacó vai a todos os recantos, em busca de algum sinal de sua irmã. Não há furna, nem bamburral, nem monte de folhas que ele não vasculhe. Em vão. Tudo em vão.

Uma tristeza infinita apodera-se do rapaz. A floresta, com toda a sedução de suas caças, perde o seu atrativo. Passa dias de angústia mortal. Definha, definha a olhos vistos.

- Um dia, arma-se de coragem e enfrenta o cacique, interpelando-o audaciosamente:

- Senhor, onde está Lucila?

- Tu perguntas por Lucila? Um homem livre pergunta pelo arco e flecha e tu perguntas por uma escrava?

- É minha irmã.

- Um homem livre não tem uma escrava por irmã.

- Mas eu preciso dela.

- Ela é uma serpente que envenena teu coração.

- Pouco importa. Eu quero vê-la.

- Então procura.

- Onde?

- Onde quiseres. Mas não a encontrarás.

- Então não adianta procurar.

- Gostei, Jacó. Vejo que és um homem livre.



- Livre quero ser.

- Breve serás um guerreiro. E um dia serás cacique.

Jacó retira-se, sem dar a mínima atenção àquela surpreendente declaração do cacique. Ele está apenas preocupado com Lucila. Por fim, chega a terrível conclusão de que a irmãzinha já não existe.

Realmente, nunca mais tem notícia dela. Nunca mais. Ninguém. Nenhum branco teve jamais alguma informação acerca do destino daquela jovem imigrante, que deixara o conforto da civilização europeia para embrenhar-se nas matas do Brasil.

Jacó está convencido que Lucila já não vive. Desvaneceu-se para ele o sonho de voltar com ela para junto do pai. Agora, se ele voltar, será sozinho.

Mas um ódio profundo, implacável, toma conta do coração de Jacó. Um vulcão de lava, levando tudo de roldão, avassaladoramente.

Agora, o cacique e todos os bugres hão de ver a vingança do rapaz. Ele vai vingar-se. A mais cruel vingança.

A vingança é a fuga.



A FUGA

Não é fácil. Fugir dos caingangues representa uma façanha de grande heroísmo. Mas o rapaz é capaz de qualquer gesto de heroísmo.

As margens do Turvo, afluente do rio da Prata, ambos afluentes do rio das Antas, encontra-se uma taba de coroados amigos do cacique da tribo que detém o rapaz branco. Cinco meses após o desaparecimento de Lucila, os bugres do Turvo, a convite, vão à taba de seus amigos.

Vai ter lugar, então, uma grande festa. A festa vem sendo preparada afanosamente. Para o fabrico do cauim, alguns bugres, à revelia de Jacó, vão em busca de milho. Outros caçam antas, capivaras, veados, pacas, bugios, queixadas e até uma enorme caninana.

Jacó, interiormente muito feliz, auxilia ativamente. Nenhuma demonstração do plano que ele pretende realizar exatamente durante a festança. Quando todos estiverem embriagados pelo capitoso cauim, ele empreenderá a fuga. A façanha parece até muito simples.

Os visitantes são em número de trinta. Soberbos guerreiros, armados até os dentes, horrivelmente tatuados, plumas de tucano na cabeça. Festivamente recebidos, ao rufo do tambor amigo.

Crepita o fogo no forno subterrâneo, para assar aquela montanha de carne. Aves com penas, recamadas de barro, mergulham no braseiro.

E principia a festa. Primeiro, o cauim. Depois a carne. Comem e bebem à farta. Por fim, as competições esportivas.



Homens simulando, um combate, no meio da multidão. Dez homens de cada tribo.

Cessa o rufar dos tambores e o entrechoque das clavas estremece a floresta. É noite.

Todos contemplam e aplaudem delirantemente os guerreiros. Todos, menos Jacó. É a sua hora. Ele também vai ter agora o seu divertimento. Divertimento muito mais emocionante.

Cautelosamente, pé ante pé olhar fixo na multidão, vai se esgueirando por trás do grupo de rapazes, no momento exato em que a luta selvagem atinge o ponto alto.

Dá uns passos. Estaca. Olha para trás. Não. Ninguém nota a sua ausência. Ele encontra-se no escuro, longe da fogueira que ilumina a multidão reunida ao redor do espetáculo.

Veloz como um galgo, corre com todas as pernas, ágil como um veado. Ele conhece a selva como a palma da sua mão, mesmo ao meio da escuridão da noite.

À sua desabalada carreira, fogem assustados, soltando gritos, aves e feras. Capivaras saltam para dentro do rio, o rio que o rapaz acompanha subindo.

Jacó não se assusta das feras. Ele só teme as feras humanas. Teme especialmente Itabira, um bugrinho de sua idade, capaz de descobrir qualquer pegada e capaz de vencê-lo na corrida.

O pensamento do rival companheiro lhe empresta asas. Não cessa de correr pelo labirinto da selva. Leva rasteiras de cipós invisíveis, leva topadas de troncos, fachadas de espinhos. Sangas, arroios, vales, morros, taquarais, banhados, surgem a cada passo. Não importa.

Com ele voam as horas da noite. Quando na barra do nascente a aurora começa a abrir o seu olhar de fogo, Jacó não pode

mais. Por trás de enormes pedras, formando uma furna, ele se acoita e cai pesadamente no sono.

O sol da manhã o desperta. Perto, um rumor. Que será? Um velho bugio comendo frutas. Jacó pede licença e faz também a sua refeição matinal, saboreando as frutas da mesma planta.

E sem mais demora, sai andando, apressado, por vezes, correndo. Ao meio-dia, chega ao pantanal onde há tempos ele descobrira as pegadas do gado. Agora descobre igualmente outras pegadas recentes. Bate-lhe forte o coração. O campo do estancieiro deve estar por perto.

A certa altura, desconfiando de que os bugres iriam em sua perseguição, caminha de costas, deixando no lodo as pegadas em sentido contrário.

Agora vai a trote largo, sem sentir a canseira, aliviada pela esperança de topar em breve com o campo suspirado.

Pela meia tarde, parece ouvir latido de cães. Anima-se. Apanha umas frutas. Vai comendo e vai imaginando o encontro com os brancos. Que dirão eles vendo-me nesta semi-nudez? E como poderei explicar-me se eles não entendem o alemão e a língua dos caingangues?

Tudo vai correndo as maravilhas. Senão quando, por trás dele, um barulho nas ramadas. Decerto uma fera. Sim, uma fera. Uma fera humana. É um bugre que vem em louca perseguição e logo solta um grito, chamando os companheiros.

Que pena! Logo agora, quando se encontra a um passo da liberdade. Mas ele não pode perder esta parada. Coragem, Jacó!

Então, ele deita a correr como nunca fez em toda a vida.

Parece que voa, transpondo todos os obstáculos, pedras, paus, espinheiros, sangas, cipoais...

O bugre que lhe vem no encalço está perdendo na carreira. A pesada clava que traz nas mãos lhe atrapalha a corrida, enroscando-se nos cipós, nas silvas. Jacó corre livre. Corre mais e ganha distância.

Agora é um trecho de campo. O bugre de clava desapareceu lá atrás. Em seu lugar, surge um bugrinho sem nada nas mãos. É o temível Itabira, rival de Jacó na agilidade, na força e na corrida.

O índio já está a três passos e grita:

- És meu, Jacó. Estás perdido!

Jacó para, vira-se e investe contra o bugre, desferindo-lhe no ventre. Um soco violentíssimo, deitando ao solo o perseguidor, para, a seguir, avantajá-lo.

De repente, ouve-se que o tropel do perseguidor aumenta. Agora são quatro bugres correndo no encalço do rapaz. Ele reúne as energias, as suas últimas energias.

Jacó não sente mais nada. Não sente os pés. Não sabe se ainda tem pernas. Falta-lhe o ar, perde o fôlego. Está perdido!

No momento em que se julga perdido, no momento exato de cair nas mãos dos seus perseguidores, opera-se um milagre. O milagre da salvação.

Abre-se diante dele a campina verdejante. Ao longe, uma tropa de gado. Homens a cavalo, parando rodeio. Cachorros latindo.

Jacó grita, fazendo sinal. Os bugres agora são em número de seis, correndo alucinados, na última tentativa. Mas eles também estão exaustos.

Os gaúchos, julgando tratar-se de índios roubando gado, detonam o revolver e açulam a cachorrada.



Jacó acena mais uma vez, pedindo socorro. Os gaúchos compreendem agora o que se passa. Um deles dispara a cavalo, os cachorros à frente.

O rapaz não pode mais e cai, morto de cansaço. Naquele instante, chega o gaúcho e afugenta os bugres a tiro de trabuco.

* * *

Jacó não fala e não entende a língua portuguesa. Explica-se por sinais, pedindo socorro.

O gaúcho dá-lhe garupa e leva-o para a casa da fazenda. Os bugres ainda disparam flechas, que não atingem ninguém. Coitados, perderam para sempre o seu valoroso branco, o seu futuro cacique.

Jacó está feliz. Nunca esteve tão feliz em toda a sua vida. Realizou, enfim, o seu sonho de vingança. A mais gloriosa vingança. Mataram minha mãe para que eu não fugisse. Sumiram com minha irmã para que eu não fugisse, e eu lhes escapei das mãos como peixe escorregadio, como ave ao laço do caçador...

Jacó encontra-se na estância do rico fazendeiro Adolfo Pacheco, proprietário da fazenda Pedras Brancas, nome ainda hoje existente, dado a um povoado junto a BR-116, entre Caxias do Sul e São Marcos. Foi exatamente nesta região que Jacó obteve a sua liberdade.

E indescritível a alegria de toda a família gaúcha. A princípio, todos julgam tratar-se de um bugre. Mas alguém discorda:

- Ele não tem pele de bugre, a pele é branca. É um rapaz louro. A fronte larga. O nariz alongado. A boca bem feita. Não tem nada de bugre.

- Vai ver que foi raptado de uma família de imigrantes alemães. Tem fisionomia de alemão.



Jacó, ao ver a dona da casa, sente uma saudade infinita de sua mãezinha e não resiste à tentação de abraçá-la, a chorar:

- Mamãe morta!

Todos compreendem. Os bugres mataram a sua mãe.

O bondoso estancieiro ordena que lhe tragam uma roupa, enquanto lhe passa amigavelmente as mãos pela cabeleira desgrenhada. Leva-o depois ao quarto. Lava-lhe as feridas, que não são graves. O cabelo, empastado pelo uso do urucu, custa soltar-se.

Enfim, lavado e enxuto, veste o terno do filho do capataz da estância. É um traje um tanto folgado, mas assenta-lhe bem. Jacó mira-se num grande espelho e não pode deixar de soltar uma gostosa gargalhada, ao ver-se tão bem trajado, depois de tantos anos de semi-nudez.

Sai para a sala, onde todos o recebem festivamente. Todos sorriem para ele, mostrando que lhe querem bem, que ele está em sua casa.

O rapaz responde com gestos agradecendo tantas atenções. Toma ao colo uma criança. Brinca com ela. Até o cachorro vai brincar com ele, pulando e erguendo as patas.

A seguir, é convidado a sentar a mesa. Ele já não sabe utilizar-se dos talheres. Com os dedos agarra um pedaço de carne e devora-o esganadamente, como fazia entre os caingangues. Todos se divertem, rindo. Ele ri também sem parar de comer.

O patrão manda logo chamar um alfaiate, enquanto ele mesmo faz o papel de barbeiro, cortando-lhe a cabeleira com a tesoura de cortar crina de cavalo.

* * *

Jacó está em casa. A melhor das casas. Nela encontrou um pai, um pai de extrema bondade. Encontrou uma família. Uma

excelente família. Todos lhe querem bem. Os filhos do estancieiro - Arsênio, Gabriel e Irene - o consideram já como irmão.

E ele porta-se como irmão. Anda sempre junto. Brinca com todos. Ensina-lhes a fabricar arcos e flechas. Trepa nas árvores com extrema facilidade. Traz fruta do mato. Aos poucos vai aprendendo a língua, podendo daí por diante contar-lhes a sua dramática vida.

Está muito feliz. Só que de vez em quando se retrai, pensativo e triste. É quando se recorda do pai. O pai que certamente vive e o está esperando. Para quem perdeu a mãe e a única irmã, como não ter saudades do pai, que há tanto tempo não vê?



COM O PAI

Já faz um mês que Jacó vive na Estância das Pedras Brancas de Adolfo Pacheco. Uma tarde, chega ali um comprador de gado. Chega para comprar gado que se destina aos açougues de Taquara e de São Leopoldo.

O comprador é de origem alemã e chama-se Cristóvão Horn. Conhece São Vendelino e está bem ao por do assalto à casa de LambertoVersteg. Ele sabe que os caingangues raptaram Valfrida, Jacó e Lucila.

Jacó é-lhe apresentado. Ambos falam alemão e se identificam. Imagine, leitor, a alegria do rapaz. Faz a Cristóvão mil perguntas acerca do pai.

- Olhe, Jacó - diz o comprador de gado - o pai não mora mais em São Vendelino. Ele aborreceu-se tanto com a desgraça, que vendeu suas terras, e agora não se sabe ao certo onde se encontra.

Jacó chora. Mas, enxutas as lágrimas, torna a ouvir a narrativa do boiadeiro. Em seguida, o rapaz conta a ele as peripécias de sua vida pela selva. A sua tragédia, a morte da mãe e o desaparecimento da irmã.

Cristóvão vai traduzindo tudo para a família gaúcha, que agora fica sabendo exatamente todos os detalhes, acerca da triste história daquele jovem que eles ajudaram a salvar das mãos dos índios.

O bom estancieiro, o capataz, suas famílias e a peonada, fazem questão que Jacó não se vá embora. Que fique. Será considerado como filho, terá todos os direitos de filho.



O rapaz reflete. Deixar aquela bondosa gente, tão generosa, desprezar a herança daquele rico fazendeiro, é duro. Mas o pensamento do pai e a esperança de reencontrá-lo, para viverem juntos, é mais forte.

- Seu Cristóvão, eu quero ver meu pai. Eu vou com você.

A família Pacheco lamenta seriamente perder aquele belo rapaz, aquele épico jovem que viveu tamanha aventura. Mas não se opõe. Se ele mesmo quer ir para junto do pai, está livre.

Mas não parte sem levar uma boa recordação daquela família tão bondosa. O fazendeiro faz-lhe um belo presente. Oferece-lhe um lindo cavalo, ricamente ajaezado. Montado naquele cavalo, Jacó vencerá as distâncias e chegará o São Leopoldo, indo em busca do pai.

A despedida é dolorosa. Jacó, abraçando e beijando o sr.Adolfo, chora. Chora a esposa do fazendeiro. Choram os filhos. Todos choram naquela inesquecível hora da despedida.

Jacó e Cristóvão, a cavalo, vão tocando a tropa, auxiliados por cachorros. Seis dias a fio, tropeando pela campanha, naquele tempo ainda de campo aberto. Verdes campos ondulando ao sabor das coxilhas, riscados por negras restingas de mato, ao longo das sangas e arroios, mosqueados de airosos capões, sempre enfeitados de esbeltos pinheiros.

Vão andando rumo de São Francisco de Paula de Cimo da Serra, rumo de Taquara do Mundo Novo. Almoço frugal à sombra de um capão junto da aguada. Pousa nalguma fazenda, nalguma casa-de-pasto e, por vezes, ao relento, de fogueira acesa, para afugentar a onça.

A onça, um dia, durante a viagem, aproxima-se para assaltar a boiada. Cristóvão e Jacó, com a ajuda dos bons cachorros, conseguem pô-la em fuga.



Saindo da zona do campo, metem-se audaciosamente por estreita picada, cortando a mata bruta da serra. Sendeiros impraticáveis, semeados de horríveis atoleiros. Verdadeira odisseia, a viagem dos tropeiros naqueles tempos.

* * *

Enfim, em São Leopoldo. Jacó, despedindo-se de Cristóvão, vai empregar-se na casa comercial de Filipe Keller. Trabalha de manhã. De tarde, frequenta a escola.

O patrão gosta dele, trata-o bem. Nada falta ao rapaz, embora lhe falte tudo. Falta-lhe o pai. O pai que ele não deixa de procurar todos os dias. Procura-o por toda parte. Sempre em vão.

Um dia, Jacó dirige-se ao pequeno porto fluvial junto ao rio do Sinos. Fica olhando para os estivadores que transportam sacos de farinha sobre a cabeça, carregando uma lancha.

Entre aqueles rudes carregadores, passa um vulto de barba em desalinho, curvo sob o peso de um fardo. O rapaz estremece. Cumprimenta-o. O estivador responde à saudação sem fita-lo. Jacó não tem dúvidas. A voz é do pai, a fisionomia é do pai.

Quando o estivador retorna, o rapaz posta-se no caminho, fechando a passagem. Olham-se ambos, soltam um grito e se abraçam:

- Papai!

- Jacó, meu filho!

- Papai querido!

* * *

Lamberto é funcionário de uma companhia de navegação fluvial. Jacó vai agora acompanhá-lo, subindo e descendo o rio do Sinos, o rio Caí, carregando e descarregando pequenos navios.

Sempre juntos, recordando o passado, recordando a perdida felicidade, agora amenizada, com o encontro de ambos, mas sofrendo ainda as saudades de Valfrida e Lucila.

Esta felicidade, que a companhia do pai lhe dá, dura pouco tempo. Um dia, o pai adoece de pneumonia. O filho assiste-o com todo o amor, com todo o carinho. Mas ele não dispõe de recursos para salvar o velho pai. Ao cabo de apenas três dias de enfermidade, morre. Morre nos braços do filho aquele nobre senhor que fora outrora o barão LambertovonSteg. Morre nos braços do filho, do filho que escrevera soberba epopeia a fim de acompanhar o velho pai nos derradeiros dias de vida.

Jacó, órfão de pai e mãe, único sobrevivente da família, volta finalmente para São Vendelino, terra que, apesar de tudo, ainda ama, dela ainda guarda saudade.

Compra terras não longe do local da antiga moradia, que os bugres destruíram. A localidade chama-se Santa Luísa e pertence hoje ao município de Carlos Barbosa.

Aqui Jacó contrai matrimônio com uma jovem de origem alemã, de nome Carolina Weirich. Feliz consórcio, do qual nascem treze filhos. Seis homens e sete mulheres. Dois morrem no berço. Morrem adultos: Carolina, Nicolau e Jacó. Na década de 1960, ainda viviam: Catarina, Joana e Pedro, residentes no município de Estrela: Berta, casada com Alberto Althaus, residente em Farroupilha; Guilherme, residente em Desvio Blauth, Carlos Barbosa: João em Carlos Barbosa: Maria, casada com Frederico Weber, residente em Santa Luísa, e Carlos, em Paraí, todos no Estado do Rio Grande do Sul.

O sangue heróico de Valfrida não parou de correr através dos numerosos descendentes do filho. O nome da família Versteg igualmente não se extinguiu. Nome glorioso que recorda em cada

filho, em cada neto, em cada bisneto, a dramática aventura de Jacó nas florestas do Brasil.

A casa em que Jacó morou em Santa Luísa ainda está de pé. Pertenceu a Frederico Neis. Mais tarde, a Dionísio Canal, primo do autor deste livro. E, finalmente, a DalíbioKurmman.

Jacó foi sempre um excelente pai de família. Trabalhador, alegre e expansivo. Um dia, aborrecendo-se por que alguns o apelidaram de Jacó Bugre, vendeu sua casa, indo residir em Poço das Antas, então município de Montenegro.

Mais tarde, foi morar com a filha Berta em Desvio Blauth, em Carlos Barbosa, onde veio a falecer com 80 anos, no dia 15 de janeiro de 1935.

Luís Bugre, por sua vez, foi residir no município de Carlos Barbosa, na região colonial itatiana do Rio Grande do Sul. Teve dois filhos. Como não sabia nadar, utilizava-se de dois porongos para atravessar os rios a nado. Um dia, no rio das Antas, os porongos desamarraram-se e ele pereceu afogado.

* * *



ROTEIRO PARA ATIVIDADES ESCOLARES

- 1) A que grupo primitivo pertenciam os índios caingangues?
- 2) Como se chamavam anteriormente os caingangues e quem os batizou com este nome?
- 3) Por que estes indígenas hostilizavam os imigrantes?
- 4) Que região do Rio Grande do Sul ocupavam os caingangues em meados do século XIX? Hoje ainda existem caingangues; em que municípios?
- 5) Quais as caças principais de que se alimentavam os caingangues?
- 6) Por que Luís Bugre mandou hastear o pano branco na cumeeira da casa de LambertoVersteg?
- 7) Valfrida, Jacó e Lucila foram levados para a taba dos caingangues, onde hoje se ergue uma grande cidade. Qual é o nome desta cidade?
- 8) Lucila desapareceu misteriosamente. Algum branco soube que fim levou?
- 9) Em que fazenda Jacó foi morar logo após a sua libertação das mãos dos índios?
- 10) Justifique o título da obra:
- 11) Qual a cena que mais o impressionou na obra?
- 12) Resumo do livro:
- 13) Sua opinião sobre o livro:





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Fidélis Dalcin Barbosa

FIDÉLIS DALCIN BARBOSA nasceu no município de Montenegro em 14-12-1915. Fez seus estudos secundários e superiores nas escolas dos Capuchinhos. Professor e jornalista, iniciou seu magistério na Faculdade de Ciências Econômicas de Pelotas, para continuar em Caxias do Sul, Portugal (durante cinco anos), Lagoa Vermelha (professor, secretário e vice-diretor do Ginásio Duque de Caxias durante 18 anos), Canela (Escola Normal "Danton Correia da Silva", Ginásio Maria Imaculada e Escola Técnica de Comércio "Cidade das Hortênsias"). Desde 1973 leciona Língua Portuguesa e Literatura no Colégio Estadual e na Escola Normal "Rainha da paz" em Lagoa Vermelha.

Como jornalista, foi redator de vários jornais e revistas no Brasil e em Portugal. Correspondente do Diário de Notícias, Correio do Povo e Jornal do Dia, da Capital do Estado, colabora ainda nos semanários O PIONEIRO e CORREIO RIOGRANDENSE, de Caxias do Sul, na GAZETA POPULAR, de Lagoa Vermelha e outros jornais e revistas.

Sua estreia nas letras ocorreu em 1961 com o livro SEMBLANTES DE PIONEIROS, vultos e fatos da Imigração no Rio Grande do Sul.

Rovílio Costa

Porto Alegre, setembro de 1977



Passo Fundo
Biblioteca Digital



Portal

Domínio Público

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



978-85-8326-013-4